

universidade

pública

Ano VII - Nº 35 - janeiro/fevereiro - 2007

IMPRESSO

A revolução dos estudantes

Projeto de extensão em cooperação e estudo e muda a vida de uma cidade



Você sabe que educar é o mais importante.

E com educação, Fortaleza está mudando o destino de muita gente.

Educação pública e gratuita é um direito assegurado para nossas crianças e adolescentes. Além disso, a Prefeitura de Fortaleza está trabalhando para garantir, também, qualidade de aprendizado para todos os alunos e alunas. Os problemas de gerir uma das maiores redes de ensino do Brasil, com cerca de 270 mil alunos, estão sendo encarados de frente, e a busca de soluções realizada com a participação de toda a sociedade, principalmente da comunidade escolar. É assim que em dois anos de gestão vários avanços já aconteceram, abrindo caminho para um educação transformadora, que está sendo fundamental para a construção de uma Fortaleza Bela.

- Incorporação dos aditivos, uma reivindicação histórica da categoria.
- Em dois anos de gestão, 111 escolas reformadas, 22 ampliadas, 9 adquiridas, 2 construídas e 4 estão em construção.
- Capacitação permanente de professores e professoras.
- Distribuição gratuita de fardamento escolar completo, com camisa, calça ou bermuda, meias, tênis, agenda escolar e mochila para 250 mil alunos da rede municipal.
- Distribuição gratuita das Carteiras de Estudante para todos os alunos de escolas municipais, estaduais e de universidades públicas de Fortaleza.
- Educação Infantil assegurada, através de 79 creches, sendo 31 municipalizadas.



Prefeitura de
Fortaleza






PREFEITURA DE
FORTALEZA


PREFEITURA DE
FORTALEZA



A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura – FCPC atua na geração e difusão do saber e da ciência e da tecnologia no Ceará, investindo seus esforços na captação e aplicação de recursos em projetos de pesquisa, ensino e extensão da Universidade Federal do Ceará.

Em 2007, a FCPC reafirma o seu compromisso com o desenvolvimento econômico, sustentável e incluyente do Ceará, direcionando suas ações para a construção de um futuro melhor e mais promissor.



Reitor Pro Tempore
Prof. Luís Carlos Saunders

Para falar com a UFC
Reitoria

Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.3011 - Fax: (85) 3366.7313
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@yahoo.com.br
Coord. de Marketing Institucional
Fone: (85) 3366.7319

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
universidadepublica@uol.com.br

Editora

Ana Rita Fonteles
CE01169JP

Reportagens

Ana Rita Fonteles
CE01169JP

Gustavo Colares
CE01861JP

Raimundo Madeira
CE01221JP

Fotos

Júnior Panela
CE00100RF

Estagiário de Fotografia da UP

Davi Pinheiro

Projeto Gráfico

Alfredo Júnior
junioralfredo@gmail.com

Tiragem

5.000 exemplares

Periodicidade

Bimestral

CTP e impressão

Expressão Gráfica

O estudo mudando uma cidade

O que acontece quando um grupo de estudantes pobres, com um histórico escolar deficiente, decide se reunir para estudar, utilizando um modelo no qual os que mais sabem ajudam aos que mais precisam? Uma cidade muda. Foi isso que a equipe de *Universidade Pública* constatou ao conhecer *in loco* a experiência do Projeto de Educação em Células Cooperativas (Prece), na cidade de Pentecoste. Criado em 1994, pelo professor do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica da UFC, Manoel Andrade Neto, o Prece possibilitou a entrada de 136 moradores daquela cidade e municípios vizinhos na UFC, dos quais 12 já estão graduados, três estão fazendo mestrado e um doutorado.

O Projeto é registrado na Pró-Reitoria de Extensão, mas tampouco pode ser definido como mais um cursinho pré-vestibular voltado para estudantes de escola pública. A vontade de cidadania e o compromisso coletivo estabelecido com a melhoria das condições de vida da cidade são os pontos-chaves desse projeto que mudou a visão dos moradores, em sua grande parte agricultores, sobre o sentido da educação e a importância da formação superior. A experiência é tão exitosa que já se espalhou por outros municípios como Apuiarés, Paramoti e Fortaleza. A reportagem especial de Raimundo Madeira mostra as histórias de dificuldade e superação de quem resolveu apostar no estudo e hoje é universitário ou se prepara para enfrentar a peneira do vestibular.

Outra matéria especial divulga, em primeira mão, os dados de uma pesquisa coordenada pela Associação dos Docentes da UFC (Adufc). O levantamento tra-

ça um perfil do professor aposentado da Instituição, com foco em sua forma de vida pós-sala de aula. O texto de Gustavo Colares mostra que o título de “inativo” não combina em nada com aqueles que, apesar de estarem afastados do cotidiano da Universidade, continuam produzindo intelectualmente.

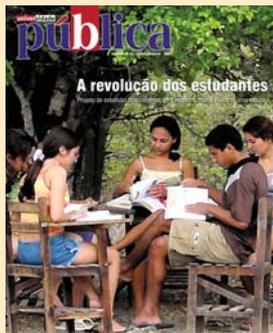
A entrevista principal traz o professor Francisco Pinheiro. Saído do movimento docente da UFC, ele assumiu, em janeiro, a função de vice-governador do Ceará ao lado de Cid Gomes. As idéias e projetos do Governo Estadual para a educação e, principalmente, para as universidades foram o mote da conversa.

Nos próximos números, Universidade Pública traz mais informações sobre a consulta eleitoral que deverá indicar o futuro reitor ou reitora da UFC. É que até o fechamento dessa edição o professor Luís Carlos Saunders não

havia ainda tomado posse como reitor pro tempore, condição imprescindível para a elaboração do calendário eleitoral e conseqüente inscrição das chapas. Presenciamos e reconhecemos o esforço da Administração Superior da UFC, em todas as instâncias, para garantir que as eleições ocorressem durante o período letivo, com a presença maciça e democrática de toda a comunidade universitária. O debate está garantido. Vamos acompanhar as propostas para o futuro da UFC.

Um abraço e boa leitura.

Ana Rita Fonteles
Editora UP



Nossa Capa

Arte de Alfredo Júnior sobre foto de arquivo (Prece).

07 No comando

O vice-governador do Ceará, Francisco Pinheiro, fala sobre seu papel na gestão Cid Gomes



14 Dionísio de casa nova

Teatro Universitário e Curso de Arte Dramática passam por reformas estruturais

23 Garotos bons de bola e de notas

Projeto do Departamento de Educação Física desenvolve atividades recreativas e práticas culturais com estudantes da rede pública de Caucaia

29 Atividade depois da aposentadoria

Pesquisa da ADUFC revela o perfil do professor aposentado da UFC e mostra que de "inativos" eles não têm nada



31 De olho no céu

Pesquisador do Departamento de Fitotecnia da UFC desenvolve cultivo de plantas com base em conhecimentos astronômicos

16 Estudantes unidos dão novas perspectivas à cidade de Pentecoste. O estudo é a principal arma dessa revolução.



De pedra à vidraça

Francisco Pinheiro é mais uma liderança forjada no cotidiano dos movimentos sociais que chega à linha de frente da máquina administrativa no Ceará. Professor do Departamento de História da UFC e historiador voltado para a questão indígena cearense, assumiu, em janeiro último, o cargo de vice-governador do Estado. Ele diz que pretende ampliar a função tradicional de substituir o titular em suas ausências, tentando imprimir ações de esquerda num governo de coalizão que começou polêmico ainda na composição eleitoral. A aliança reúne desde os Ferreira Gomes, o PCdoB, o PT, passando por Eunício Oliveira e o seu ambíguo PMDB.

Essas ações estão relacionadas a diversas pastas onde o PT conseguiu emplacar nomes, como Desenvolvimento Agrário, Cultura, Trabalho e Empreendedorismo e Cidades, mas diz respeito a ações atribuídas propriamente à sua responsabilidade como mobilização e inclusão social. O vice de Cid Gomes também não abrirá mão de envolver-se diretamente na elaboração de políticas de educação e de ciência e tecnologia, com olhar prioritário sobre o papel das universidades estaduais.

Aliado de primeira hora da Prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins (PT), Pinheiro aponta a consolidação da gestão petista na capital e o fortalecimento do projeto de sucessão em Fortaleza como fortes razões que o levaram a dividir a chapa com adversários políticos históricos de seu Partido. A força de conjunturas que ele prefere nomear de "interessantes", assim como a opinião do grupo político a que está ligado, foram fundamentais para momentos chave de sua história. Foi assim quando se candidatou, sem êxito, a vice-prefeito em 1992 e, em 1998, a deputado federal. Foi assim também a decisão que o levou a candidatar-se e eleger-se vereador, em 2002, e na composição de chapa que o levou ao Palácio Iracema ano passado.

O petista que iniciou sua vida política no movimento estudantil na UFC, na década de 1970, foi presidente da Associação dos Docentes da UFC (Adufc) e dirigente municipal do Partido dos Trabalhadores, fala hoje em "generosidade" e "solidariedade" para governar em meio a grupos políticos tão diferentes. Ao amenizar a presença de nomes do PSDB à frente de secretarias de Estado, ele mostrou que seu espírito conciliador será muito utilizado nos próximos quatro anos.





Universidade Pública - O senhor é uma pessoa com a trajetória associada ao movimento docente na Universidade Federal do Ceará. Como se deu seu ingresso na política?

Francisco Pinheiro – A minha iniciação foi no movimento estudantil, na primeira metade da década de 1970. Esse foi o primeiro grande batismo de fogo, em plena ditadura militar. Daí foi praticamente ato contínuo a minha participação no movimento docente dos professores secundários. Na década de 1980, a gente estava junto com outros camaradas no movimento de valorização dos professores que era uma tentativa de reconstruir o sindicato dos professores da rede privada. Depois disso, volto para a universidade, passando pelo Seminário da Prainha, onde passo a fazer uma assessoria às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foi um período de quase dez anos com Dom Aloísio Lorscheider. Terminei sendo professor do Seminário da Prainha e isso fez com que eu fosse construindo todo um percurso de vida. Na década de 1970, o partido que existia na clandestinidade era o Partido Comunista. Então, durante muito tempo, eu fui área de influência do Partido Comunista e do PCdoB, mas nunca fui filiado. No começo dos anos 1980 ingresso no PT e na vida partidária de forma legal, e durante algum tempo milito na base do Partido e depois passo à direção partidária. Esse processo não teve grandes sobressaltos. Não havia um projeto pessoal de política partidária. Sempre foram projetos coletivos e também não havia nenhum projeto pessoal de mandato parlamentar. Na eleição para deputado federal, em 1998, eu não era candidato. Um grupo colocou, à época, meu nome e o nome da professora do Departamento de História da UFC Adelaide Gonçalves. Ela não topou e aí ficou o meu nome. De repente, eu era candidato a deputado federal. Foi uma campanha muito difícil, mas com resultado acima das expectativas. Ficamos na segunda suplência sem ter tido nenhuma participação política anterior

em termos partidários. Em seguida, fui candidato a vereador de Fortaleza. Fiquei na primeira suplência e, com a eleição da Luizianne como deputada estadual, assumo a Câmara Municipal. Fui candidato à reeleição, mas não obtive êxito. Foi uma surpresa. Todas as análises e pesquisas de opinião davam meu nome entre os dez mais votados. Só que a conjuntura eleitoral foi extremamente difícil. E aí é mais uma conjuntura interessante. Eu perco a eleição pra vereador, fico na primeira suplência. Assumo por um período, como líder da prefeitura. O José Maria Pontes, que era titular, volta à Câmara e eu retorno para a secretaria regional IV. E outra conjuntura diante de uma avaliação que nós fizemos da situação do PT e da necessidade de fortalecermos o projeto nacional, chegamos à conclusão de que o lançamento de um candidato do Partido não seria viável, dado todos os problemas que nós tivemos em termos locais. Analisamos que nesse momento era fundamental fazermos uma aliança que pudesse nos garantir três questões básicas: o Governo do Estado, já que tínhamos uma relação muito conflituosa com o governo do PSDB. A manutenção do governo nas mãos do PSDB implicaria termos um concorrente muito forte na eleição de Fortaleza. Partindo do pressuposto que a Prefeitura de Fortaleza é um espaço muito importante para nós, fizemos essa primeira avaliação. A segunda análise é que não tínhamos condições de ter eleição do governo do Estado. Todo o processo que tivemos em nível nacional e local alterou a conjuntura. Fizemos então a discussão de apoiarmos uma chapa do PSB. E a prefeita Luizianne foi uma das pessoas que fez esse debate público e uma das questões que ela levantou é que teria interesse em indicar na chapa majoritária um nome. E dentro do grupo político que está próximo à Prefeita terminei sendo o candidato à vice na chapa do Cid. Naquele momento, a situação do presidente Lula era difícil e teríamos que fortalecer alianças nos Estados que pudessem garantir a eleição. Obviamente a conjuntura mudou

e, na eleição, o presidente Lula, ao contrário, puxou votos pra gente. Isso faz com que eu termine sendo vice-governador e o presidente Lula termine sendo reeleito com alguma folga. O percurso político nunca foi um projeto pessoal. Foi um projeto sempre construído coletivamente e meu nome aparece nesses contextos como uma alternativa. Se você me perguntar: e qual é seu futuro? O futuro vamos discutir coletivamente.

UP – O senhor faz parte de uma corrente que se coloca como esquerda dentro do PT e agora está participando de um governo de coalizão onde cabe desde o PT e PCdoB até o PSDB. O senhor não se sente um estranho no ninho?

FP – Quando você entra num governo de coalizão você tem que ter generosidade, saber que não vai fazer um governo que é o teu projeto, mas é o projeto que tomamos participar. O governo Lula é um governo de coalizão. Quando ele monta um governo vai ter de fazer alianças que muitas vezes podem não agradar ao gestor do PT. Em relação ao PSDB, o que temos afirmado claramente? O arco de alianças que foi feito pelo Governo do Estado não inclui o PSDB como partido. O convite é a pessoas. Não houve reunião do Governo com o Partido para definir as posições que eles iriam assumir. Se pegarmos a situação do deputado Marcos Cals é um convite pessoal do governador ao deputado. E qual a implicação política disso? É que há uma disputa muito difícil na Assembléia Legislativa e há uma movimentação para que não haja uma guerra na Assembléia. E o deputado Marcos Cals, não se pode negar, é uma pessoa que tem trânsito político em todos os partidos. Ele conseguiu ser eleito por unanimidade. Tem trânsito do PFL até o PT. E ele é convidado enquanto parlamentar que tem esse perfil, mas não é convidado num acordo com o PSDB. A mesma coisa com o deputado (federal) Bismark Maia que está se licenciando do PSDB para caracterizar a ação de alguém que tem muito mais perfil técnico, foi se-

cretário de turismo do governo Ciro Gomes. É uma pessoa que conhece bem a área, foi do órgão nacional de turismo. O que marca as relações internas no governo é a solidariedade. Acreditamos que essa relação de confiança que vai sendo gerada no interior do governo é fundamental para a gestão. E a preocupação principal nossa é garantir que tenhamos uma gestão de muita qualidade. Daqui a dois anos a gente vai ter condição de fazer uma avaliação

“Hoje a relação é muito estanque. É como se a universidade pública não tivesse nada a ver com o desastre que é a escola pública e fundamental. A universidade pública tem responsabilidade sobre a qualidade dos professores que são formados”

do que significou o projeto construído a partir dessa eleição.

UP - Nesse contexto de alianças tão ecléticas, como fazer emergir ou impor ações e um pensamento de esquerda?

FP – Hoje temos espaços muito generosos no Governo. É claro que não vamos fazer uma ação de gueto. Estamos incumbidos de algumas ações que têm nossa perspectiva. Construímos uma série de propostas ao longo da campanha e uma coisa importante é que essas propostas já estão sendo colocadas em andamento. Discutimos muito com o movimento sindical ligado à questão rural. E qual era a principal cobrança dele? O agronegócio está muito bem, obrigado, nesses últimos 20 anos no Ceará. No entanto, a pequena

produção agrícola está muito mal e é uma coisa que foge a qualquer lógica. Você tem um setor que emprega mais de 35% da população cearense, no entanto a renda que esse setor gera é de seis, sete por cento. E qual foi a primeira ação do governo? Foi criar uma Secretaria de Desenvolvimento Agrário que vai ser encarregada de fazer essa política. E quem foi nomeado para essa Secretaria? Camilo Santana, uma pessoa que tem identidade não só com a área rural, mas é um filiado do PT, foi candidato a prefeito de Barbalha e tem toda a marca de uma política que vai priorizar isto. Você pega uma secretaria importante como a de Trabalho e Empreendedorismo. Você tem lá um deputado petista que é o Artur Bruno, que vai ter um papel importante para o desenvolvimento de políticas que são extremamente importantes para a geração de emprego e renda. Você tem na área de Ciência e Tecnologia, mesmo o René Barreira não sendo um filiado do PT, mas é uma pessoa que tem uma identidade muito forte com o interesse público. René não representa o interesse privado. Isso é outro sinal importante. Você tem na Secretaria de Cidades o presidente do PT. Temos todas as condições de imprimir marcas importantes no governo com a cara do Partido dos Trabalhadores e da esquerda. No caso da vice-governadoria, além da função constitucional, que é substituir o titular em suas ausências, nos foi atribuída também a área de mobilização e inclusão social. Obviamente esse governo é uma totalidade e tem uma diretriz política que é geral e vai se dar a partir das definições que foram aprovadas no programa de governo.

UP - Como vão se dar as relações entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Fortaleza?

FP – É relação de - respeitando-se as atribuições constitucionais - complementaridade. Porque, antes, o que caracterizava era uma relação de conflito. Se você pegar vários momentos, como o Projeto Costa Oeste, era um conflito permanente

entre o Governo do Estado e a Prefeitura. Se você pegar o Centro de Feiras e Eventos. É outro conflito permanente. O que está sendo encaminhado nesse sentido? O governador já encaminhou que é favorável a um Centro de Eventos no Ceará, mas o local não será aquele. Será definido outro espaço. Então, você reduz o conflito. Em relação a conflitos localizados como o Costa Oeste, isso vai se resolver numa relação fraterna em que provavelmente a Prefeitura assume o projeto. As intervenções que o Governo do Estado fazia em Fortaleza, agora serão intervenções combinadas. O que vislumbramos é relação de aliança em prol do interesse público.

UP - Uma fase da sua trajetória política é marcada pela crítica ao projeto de educação mudancista. Chegou-se a apontar a falência em determinadas áreas. Qual o seu ideal de escola pública e como ele se encaixa no projeto desse Governo?

FP – Se pegarmos as análises que fizemos ao longo do debate das diretrizes globais do programa de governo, reconhecemos que a escola pública enfrenta dificuldades muito grandes. Você tem hoje o analfabetismo na escola como uma realidade. Isso demonstra a falência de um modelo. Temos algumas metas. Uma delas é valorizar a educação, não só de maneira formal, garantir melhores condições de trabalho e salários para os setores. Uma ação simbólica: o pagamento do Estado vai começar pela Educação. Tira-se do terceiro dia e coloca-se no primeiro dia. Outra ação simbólica: o Palácio do Governo é o último a receber. Temos pessoas (gestores) que estão vindo da área pública. Uma das primeiras metas nossas é o processo de erradicação do analfabetismo na escola. Não podemos conceber escola em que você tem crianças, normalmente fazendo a quarta série do Ensino Fundamental, analfabetas. Ou jovens iniciando o Ensino Médio com conhecimento de aluno de quinta série do Ensino Fundamental. Outra coisa importante é como será trabalhado o conjunto de trabalha-

dores da escola pública. Sabemos que é necessária a formação em serviço. Temos professores do ensino público que terminaram a graduação e, ao longo de 15, 20 anos, nunca tiveram a chance de fazer a formação continuada. Não acreditamos que professores que passam 20 anos sem estudar possam produzir conhecimento e ter boa atuação na escola.

UP - Há pesquisas importantes da Faculdade de Educação da UFC que mostram essa defasagem de professores, inclusive alfabetizadores, que não lêem,

“O professor René Barreira é secretário de Ciência e Tecnologia porque ele conhece bem o ramo e vai ser um dos responsáveis, junto com a Secretaria de Educação, de fazer articulação da universidade com os projetos de modo geral e com os projetos de educação média e fundamental”

não freqüentam atividades culturais, não têm bibliotecas à sua disposição, principalmente no interior do Estado. Como atuar nesse vácuo?

FP – Temos de ter clareza que não vamos resolver essas questões numa gestão. Não podemos nos iludir, mas acho que se houver determinação política... Você muitas vezes tem na cidade pequena uma biblioteca, mas ela não serve à escola. É como se fossem duas coisas que são estanques. A primeira coisa que se tem que fazer é integrar ações, ao invés de multi-

plicar ações em que você atua de forma fragmentada. Como é que você pode articular a Secretaria de Cultura, que tem uma rede de bibliotecas no interior, com as ações educativas formais? A coisa mais importante é a determinação política e há uma crença de que você não constrói uma sociedade mais justa e fraterna se não tiver uma educação de qualidade. Isso está dito e escrito e vai fazer parte da nossa diretriz que é a melhoria da qualidade da escola, melhoria das condições de trabalho dos professores e, sobretudo, buscar fazer uma integração maior da universidade com a escola secundária. Hoje, a relação é muito estanque. É como se a universidade pública não tivesse nada a ver com o desastre que é a escola pública média e fundamental. A universidade pública tem responsabilidade sobre a qualidade dos professores que são formados. A gente tem que fazer uma discussão sobre que universidade nós estamos fazendo.

UP – Como é que vocês pretendem tirar as universidades estaduais do verdadeiro atoleiro em que elas estão metidas? Qual vai ser o papel dessas universidades?

FP – A UECE acabou de viver a mais longa greve de sua história e tivemos contato com os professores. Eu estive inclusive na assembléia, afirmando uma posição programática. A primeira é a garantia da autonomia da universidade, não só autonomia de gestão, mas de ir construindo a autonomia financeira. Uma das coisas que o próprio governador diz é que reitor eleito é reitor empossado. Pelo gosto dele, acaba-se com a chamada lista tríplice. Esse é um dado importante para você criar uma certa paz no meio da comunidade universitária. E nesse processo pensamos o seguinte: se formos eleitos, recebemos vocês no primeiro dia de gestão. No dia 2 de janeiro, após a posse, recebemos o sindicato (dos professores) e iniciamos o debate sobre o Plano de Cargos e Carreiras e Salários. Isso mostra um compromisso político de cá. Obviamente teremos de ter um compromisso político de lá. As uni-

versidades não podem achar que não são importantíssimas na formação dos professores que estão indo para a escola pública. Isso queremos fazer e não é por acaso que o professor René Barreira é secretário de Ciência e Tecnologia, porque ele conhece bem o ramo e vai ser um dos responsáveis, junto com a Secretaria de Educação, de fazer a articulação da universidade com os projetos de modo geral e com os projetos de educação média e fundamental. Não tem como fazer um bom projeto de extensão sem ter preocupação de ter um

tem de tirar tudo que está na prateleira na universidade e colocar em contato com a sociedade.

UP – Há uma queixa histórica da comunidade científica cearense que diz respeito à relação do governo com a pesquisa. Além do governo não vir aplicando o percentual constitucional em ciência e tecnologia, haveria desvio de funções de órgãos como a Funcap que investiria mais em extensão tecnológica que em pesquisa. Vocês pretendem remodelar a Funcap?

minorados. O problema é que essas coisas funcionam como estanques. Você não tem um processo de integração e de complementaridade. Você tem belos laboratórios que são ligados, hoje, a Centecs e CVTs. Como é que você faz a relação disso com a universidade pública? Como é que você faz com que esses recursos não sejam subutilizados? Se você integrar as políticas, você vai ter mais recursos para outras áreas que hoje estão em segundo plano ou estão com dificuldades para os recursos da Funcap. Não podemos também transformar



O vice-governador, Francisco Pinheiro, defende uma maior integração entre os CVTs, Centecs, universidades públicas, para que os recursos destinados à pesquisa sejam melhor utilizados. A Funcap, a seu ver, não pode investir somente em pesquisa direta, pois seu papel na formação de pesquisadores, através do financiamento de bolsas de mestrado e doutorado, seria ainda essencial para o Estado

bom projeto de educação continuada dos professores. Você não tem como, por exemplo, ter bons projetos de extensão sem pensar os problemas da pequena agricultura do Ceará. Você tem que ter um processo em que a extensão ganhe força, porque a extensão na universidade, hoje, é uma coisa de terceira categoria. Onde é que a universidade se liga à sociedade? É através da extensão. É a forma que você

FP – Uma das marcas do nosso governo é dar muita autonomia para que os órgãos se redimensionem. Claro que tem uma diretriz política, mas a comunidade científica vai ter a chance de fazer esse debate. É importante você dar bolsa para os cursos de mestrado e doutorado? É importante fortalecer os CVTs? Quando você perceber e descobrir o papel desses entes, talvez esses conflitos possam ser

a Funcap, na Fapesp, voltada fundamentalmente para a pesquisa. Se as bolsas de mestrado e doutorado não tiverem apoio da Funcap, muitos mestrados e doutorados públicos não funcionam. É aporte importante na formação de pesquisadores. Você não está investindo diretamente na pesquisa, mas esta formando gente que será fundamental para a pesquisa. Nem tanto ao mar, nem tanto ao peixe. ☺

Um raio x da Universidade

Primeira Auto-Avaliação Institucional da UFC aponta caminhos e mostra balanço crítico da Instituição feito pela própria comunidade universitária

O papel da Universidade Federal do Ceará no desenvolvimento regional. O aprimoramento profissional de docentes e servidores técnico-administrativos. A atual situação do acervo das bibliotecas universitárias. A qualidade do currículo acadêmico dos estudantes e sua inserção no mercado de trabalho. Esses e outros aspectos foram questionados por professores, servidores e alunos durante a primeira Auto-Avaliação Institucional da UFC, uma exigência do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), criado pelo Governo Federal em abril de 2004.

Entre março e junho de 2006, cerca de 3.300 estudantes, 320 docentes e 325 funcionários acessaram formulários eletrônicos no site da UFC na Internet e opinaram sobre o funcionamento da Universidade e o seu papel na sociedade. Outros questionários foram enviados a coordenações, departamentos e pró-reitorias para avaliar o desempenho da UFC nos últimos anos.

Para elaborar o projeto da auto-avaliação e colocá-lo em prática, foi criada uma Comissão Própria de Avaliação (CPA) Central, com apoio de CPAs setoriais nas nove unidades acadêmicas da UFC. O resultado desse trabalho é um documento extenso e minucioso, com mais de 300 páginas, enviado ao Inep/MEC em setembro do ano passado. Desde o final de 2006, qualquer pessoa pode encontrá-lo no site da Universidade, acessando o link "Conheça a UFC".

Os itens avaliados possibilitam à Administração Superior da Universidade, por exemplo, uma melhor gestão dos recursos financeiros. Segundo o presidente da CPA, Wagner Andriola, já é decorrente do diagnóstico o repasse de R\$ 400 mil feitos ano passado ao sistema de bibliotecas da UFC para renovação do acervo, compra de equi-

O documento que reúne os dados da primeira Auto-Avaliação da UFC tem mais de 300 páginas e encontra-se na versão impressa e online. Para conhecê-lo, acesse o link "Conheça a UFC" em www.ufc.br



pamentos de informática e segurança.

Foi também através dessa primeira auto-avaliação que a UFC pôde compor um panorama geral da sua vocação e do trabalho na formação de profissionais capacitados. Hoje, a UFC oferece 313 bolsas de monitoria em cursos de graduação e 204 bolsas para o Programa de Ensino Tutorial (PET) na formação de jovens cientistas. Há ainda 572 bolsas de iniciação científica, o que atinge parcela significativa do corpo discente.

Outro dado da avaliação diz respeito à adequação do currículo acadêmico às demandas sociais. Todos os cursos foram pesquisados e afirmaram que a matriz cur-

ricular atenta para essa proposta. Enquanto 48,2% dos cursos apresentaram como justificativa que o currículo possibilita aos egressos desenvolverem trabalhos de demanda social do País, outros 34,4% dos cursos afirmaram que as competências e habilidades próprias de cada profissão são enfatizadas pela grade disciplinar, possibilitando o enfrentamento de questões demandadas pela sociedade.

Os coordenadores dos cursos de graduação responderam sobre a quantidade e qualidade dos laboratórios nos três campi universitários em Fortaleza. Nesse ponto, o resultado se mostra preocupante. Enquanto 70% deles afirmaram que os laborató-

rios existentes estão desprovidos de equipamentos indicados para pesquisa, apenas 20% reconhecem que durante a atual Administração Superior da UFC houve um salto de melhorias nesse quesito. Dez por cento dos entrevistados afirmaram não haver laboratórios didáticos para aulas práticas em algumas disciplinas.

Os dados da primeira auto-avaliação da UFC também registraram que 14,4% dos 3.645 candidatos aprovados no vestibular 2006 apresentaram como justificativa para a escolha do curso o mercado de trabalho. Já 71,5% responderam que optaram pelo curso por aptidões pessoais. Os demais afirmaram que o curso escolhido teve influência familiar, baixa concorrência das vagas e outros motivos.

Mais um dado que merece destaque é o aumento no número de docentes doutores na UFC. Houve um crescimento superior a 100% entre 1995 e 2002, quando os professores com titulação máxima passaram de 344 para 760 docentes. Hoje a UFC conta com cerca de 800 professores efetivos doutores.

Há duas explicações para o fato. Como os concursos para professores efetivos só exigem a titulação de doutores, é natural que só entrem docentes assim capacitados. A segunda é que os mestres têm buscado cada vez mais se aprimorar, realizando seus doutorados e passando à categoria de professor adjunto.

Com relação aos 62 cursos de pós-graduação *stricto sensu* oferecidos pela UFC (44 mestrados e 18 doutorados), em 2005 foram matriculados 2.127 alunos. Desse total, 1.580 em mestrados e 547 em doutorados. No mesmo ano, foram formados 241 mestres e 58 doutores. Metade dos cursos de doutorado da UFC possui conceito 5 ou 6, enquanto 20,5% dos mestrados mantêm esse padrão analisado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Necessidades

Para o presidente da CPA Central, Wagner Andriola, o próximo reitor da UFC deve atentar para outro dado preocupante revelado pela auto-avaliação

institucional: a ausência de espaços de convivência onde haja maior intercâmbio de informações entre alunos e professores. “O futuro gestor tem de potencializar esses espaços com a comunidade, onde a informalidade possa acontecer.”

Ainda de acordo com a pesquisa, o lado mais visível da UFC frente à sociedade é o da extensão universitária. Nos últimos dois anos, foi consolidada uma maior aproximação da instituição com a sociedade sem haver o descuido com o ensino, a pesquisa e a extensão. Em 2004, 329 projetos foram cadastrados como de extensão, atendendo a 146 mil pessoas. Já em 2005, esse número chegou a 390 programas de extensão e 380 mil beneficiados, através de 226 convênios entre a UFC e instituições da sociedade civil e do poder público.

Andriola afirma que deverá existir nas próximas auto-avaliações algum mecanismo legal que garanta apoio dos pró-reitores no processo de consulta interna. Isso garantiria mais participação dos docentes e tornaria o resultado final ainda mais fiel à realidade da comunidade universitária. “Digo isso porque poderia haver uma participação maior, mas por ser a primeira auto-avaliação, já podemos considerar positiva.”

O SINAES não exige uma periodicidade definida para a realização da auto-avaliação. Porém, Andriola acredita que todo reitor da UFC deve realizar um procedimento dessa natureza. “Os próximos gestores devem ter uma preocupação acentuada com a auto-avaliação, pois ela é capaz de apontar dificuldades a serem sanadas”, diz.

Egressos

A primeira Auto-Avaliação Institucional da UFC também disponibiliza dados colhidos com estudantes egressos de 2003 e 2004. Dos 6 mil profissionais formados pela Universidade nesses dois anos, uma amostra de 101, com idade média de 25 anos, foi entrevistada e opinou sobre currículo acadêmico, mercado de trabalho e formação profissional.

De acordo com a pesquisa, metade dos egressos encontra-se empregada. Desses,



O presidente da Comissão Própria de Avaliação, professor Wagner Andriola: auto-avaliação deve ser instrumento para gestores

47% estão trabalhando no setor público, e 33% na iniciativa privada. O restante é autônomo. O dado mais importante da avaliação revela que 72% dos egressos inseridos no mercado de trabalho atuam na área de formação.

Na outra metade de egressos que não está no mercado laboral, há um dado interessante: 37% destes realizam algum estudo de pós-graduação, o que significa que preferiram seguir a carreira acadêmica. Porém, há um dado preocupante na pesquisa com os estudantes egressos não-inseridos no mercado de trabalho: 60% criticaram a formação obtida na universidade, avaliando que o currículo não atende à demanda exigida fora das salas de aula.

Andriola sugere que essas informações devem trazer diagnósticos setoriais para se chegar a uma solução do problema. “Essas informações são genéricas. É preciso ver em quais cursos houve quem mais reclamou do currículo para se debruçar sobre isso e descobrir por que certos currículos não estão atendendo às expectativas”. O presidente da CPA Central recomenda que a UFC precisa ter algum setor de acompanhamento dos alunos egressos, a fim de ajudá-los a entrar no mercado de trabalho com mais êxito. ☺



De cara nova e braços abertos

Reformas estruturais no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno e no Curso de Arte Dramática (CAD) possibilitam a retomada de um dos mais importantes espaços de artes cênicas do Estado

Quem circula pela Avenida da Universidade percebe uma diferença significativa quando passa em frente ao Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno. É que em 2006 o espaço passou por uma reforma em sua estrutura como há muito tempo não se tinha notícia. A começar pela demolição do muro e pela nova pintura da fachada, tudo para dar mais visibilidade ao equipamento cultural da UFC, ícone da memória da classe teatral cearense.

Inaugurado em 1964, o Teatro Universitário (TU) é administrado há quatro anos pelo Instituto de Cultura e Arte (ICA). Durante a reforma, o palco também foi ampliado, houve a troca de estruturas de madeira danificadas e a pintura das paredes, da caixa cênica, do camarim e do hall de entrada. Os banheiros também foram consertados e os aparelhos de ar-condicionado passaram por uma limpeza. O TU

adquiriu novos equipamentos de som.

Outra modificação estrutural se deu com o Teatro Gracinha Soares, que ficava numa área à frente do TU, ao ar livre. Agora, ele será deslocado para uma das salas do Curso de Arte Dramática (CAD), que além de receber o novo teatro, ganhará um espaço reservado para contar parte da vida e da produção cultural da ex-atriz e professora do curso. “O espaço ao ar livre continuará sendo usado para saraus, pequenos shows musicais e como ambiente de recepção para os espetáculos teatrais”, esclarece Gil Brandão, professor e coordenador do CAD e do TU desde março de 2006.

O CAD também passou por reformas. Além da pintura interna e externa, foi trocado o piso da área administrativa. Foram instalados bancos nos corredores do curso e dois aparelhos de ar-condicionado.

A reforma conjunta era imprescindível.

É no Teatro Universitário onde os espetáculos de conclusão do CAD são encenados. Criado em 1961, o curso já formou atores, atrizes, diretores e dramaturgos do porte de Antonieta Noronha, Emiliano Queiroz, Pedro Domingues, Marcelo Costa, Valden Luis e Aderbal Freire Filho, todos reconhecidos e atuando no mercado profissional das artes cênicas. O CAD é reconhecido pelo Ministério da Educação e dá condições de profissionalização aos atores.

Betânia Montenegro é professora de Corpo e Movimento do Curso e coordena o grupo de teatro da Seara da Ciência desde a sua criação, em 2000. Para ela, o CAD é uma referência estadual, pois foi o único no Ceará por muitos anos. Ela recorda com carinho o ano de 1980, quando entrou para o corpo docente. “Encenamos a peça ‘Canto Cheio para uma Esperança Demorada’, dirigida por B. de Paiva e

encenada por boa parte dos que são hoje professores do CAD. Viajamos pelo Brasil com esse espetáculo”, lembra.

Mas o teatro e o curso, apesar dos avanços em suas estruturas e reconhecidas importâncias, ainda parecem longe do seu uso ideal. Brandão lembra que uma das dificuldades do TU é a manutenção do equipamento. “Não adianta apenas conseguir as reformas, é preciso manutenção e ficar atento a infiltrações e limpeza para que o espaço continue vivo e servindo à comunidade”, diz.

Apesar das dificuldades que ainda persistem no Teatro, não há dúvidas de que o equipamento recebeu melhor atenção a partir da administração do ICA. “O ICA impulsionou as reformas estruturais, foi um ganho muito significativo. O Teatro agora é visto pela cidade, a UFC pode mostrar que tem um teatro. Antes as pessoas passavam e não o percebiam, ele estava escondido aos olhos das pessoas”, confirma o coordenador sobre as reformas.

O iluminador Neto Brasil trabalha no TU há 20 anos. Para ele, a montagem do espetáculo “Geração Trianon”, em 1990, além de ser inesquecível, revela a capacidade histórica do teatro em fazer sucesso apesar das dificuldades enfrentadas. “Tínhamos apenas um refletor para fazer a iluminação da peça, mas ainda ganhamos os prêmios de melhor espetáculo e melhor iluminação no festival de Teatro de São José do Rio Preto”, recorda.

Com o Teatro Universitário de portas abertas, a procura por sua utilização é grande. Uma das preocupações do coordenador do Curso de Arte Dramática é fazer dali um espaço não só de uso interno e das artes cênicas, mas também da música e da dança. No ano passado, foi realizado no palco do TU o projeto Cena Som, onde cantores e compositores utilizaram a iluminação cênica para os shows. Outro festival musical, o Quebre a Perna, também fez parte da programação cultural do TU em 2006. “Sem dúvida, o espaço é importante numa cidade de ambições tacanhas no que se refere à arte como Fortaleza”, diz Odorico Leal, guitarrista da banda *October Leaves*, participante do festival.

Outra dificuldade que persiste no Teatro é a falta de servidores técnicos. O TU

conta apenas com um eletricista e um iluminador. Não há porteiro, e os próprios grupos de teatro fazem o trabalho de bilheteria quando há apresentações. Gil Brandão diz que o CAD e o TU abrem as portas nestas condições por uma motivação interna de professores e alunos. “A função da UFC é abrir o espaço para que os grupos tenham acesso a ele. Temos de ampliar o uso do Teatro, com performance de alunos e debates de professores. Além disso, alguns grupos teatrais não têm onde ensaiar espetáculos.”

O CAD e o TU também sentem a falta de recursos próprios. A coordenação não consegue gerenciar as finanças destinadas ao equipamento por não saber quanto nem quando elas virão. Parte do dinheiro destinado à manutenção básica vem de 15% do montante arrecadado na bilheteria do TU em dias de espetáculo. “A gente reinventa os recursos”, lamenta Brandão.

“O ICA, como órgão da UFC, não tem orçamento próprio, o que se reflete em todos os seus equipamentos culturais. No entanto, a Administração Superior vem atendendo às demandas desses espaços, através de solicitações ao Instituto”, esclarece Ângela Gutiérrez, diretora do ICA.

Uma das possíveis soluções para sanar os problemas financeiros encontra-se em discussão no ICA. Há a proposta, segundo Gil Brandão, de criação da Associação dos Amigos do Teatro Universitário, que

deixaria o equipamento apto a participar de editais da Secretaria da Cultura do Estado (Secult) e da Fundação da Cultura, Esporte e Turismo (Funcet).

Brandão também espera contar com a ajuda do ICA no auxílio à criação do curso de graduação em Artes Cênicas, promessa já histórica por parte da Administração Superior da UFC. “O ICA poderá conseguir uma vaga de professor-visitante doutor para participar da preparação do curso (de graduação). A maior dificuldade a ser ultrapassada para a consecução de tal objetivo refere-se à qualificação acadêmica – a artística é inquestionável – de membros do colegiado do CAD, assim como o número reduzido de professores que o compõem”, admite a diretora da ICA.

Segundo o coordenador do CAD, há uma demanda bem acentuada no cenário profissional artístico cearense por um curso de graduação em artes cênicas. Hoje, o CAD não oferece condições aos atores formados seguirem para uma pós-graduação nem dar aulas de teatro, pois isso não está nos parâmetros curriculares do curso. “A UFC tem uma importância na cultura do ensino cearense e pode contribuir muito no ensino das artes. Teatro também é produção de conhecimento”, finaliza Brandão. ©

Gil Brandão, coordenador do CAD e do Teatro Universitário: o Teatro deve estar aberto para performances, debates e ensaios



A revolução dos estudantes

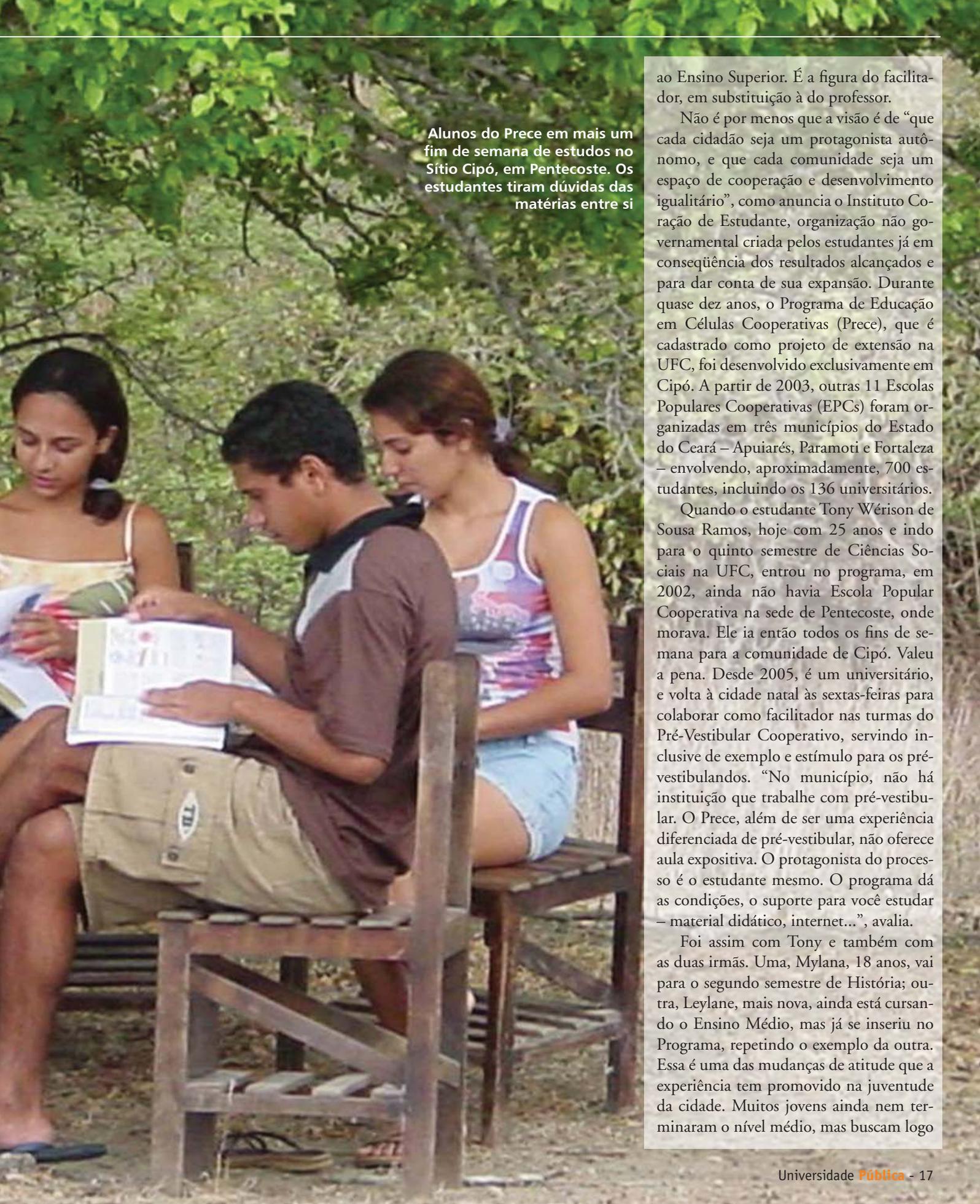
O Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece), projeto de extensão da UFC, está mudando a vida de Pentecoste e cidades vizinhas através do estudo

Por Raimundo Madeira

Cipó é uma pequena comunidade de Pentecoste, município a 85 quilômetros de Fortaleza. Por sua geografia, seus meios de subsistência, seus costumes, seu *modus vivendi*, confunde-se com outros tantos agrupamentos espalhados pelos rincões deste País. É uma área seca, um lugar ermo, cujo acesso se dá por estrada carroçável e onde vivem apenas cerca de dez famílias, acomodadas em casas simples e distantes umas das outras. Nesse cenário, começou em 1994 uma experiência que serve de modelo para outras localidades, rurais e urbanas, e que tem se expandido em função do êxito revelado. Guardadas as devidas proporções, essa experiência está promovendo uma revolução na educação de Pentecoste, ao facilitar o acesso de estudantes de escolas públicas ao Ensino Superior.

Em 12 anos, 136 moradores de Pentecoste ou de cidades vizinhas que vão estudar lá conseguiram entrar na universidade, entre eles 12 já estão graduados, três cursam mestrado e um está fazendo doutorado. O modelo tem um nome pomposo – Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) –, mas na prática é dos mais simples. Os estudantes se reúnem e aprendem uns com os outros. Os estudos em grupo – ou células cooperativas – são realizados aos sábados e domingos, os estudos individuais ficam sob a responsabilidade de cada um, em casa, de segunda a sexta-feira. Cada estudante atua como um monitor, dedicando-se mais à aprendizagem de uma disciplina para, no fim de semana, repassar os conhecimentos aos colegas e receber deles o conteúdo de outras disciplinas. Quem consegue aprovação no vestibular se transfere para Fortaleza, mas no fim de semana volta à cidade natal para ajudar os outros rumo



A photograph showing three young people sitting on wooden chairs outdoors, surrounded by lush green foliage. They are all focused on reading books. The person on the left is a young woman with dark hair, wearing a light-colored top. The person in the middle is a young man with dark hair, wearing a brown t-shirt and khaki shorts. The person on the right is a young woman with brown hair, wearing a colorful tank top and light blue shorts. They are sitting on simple wooden chairs with slatted seats and backs. The background is filled with dense green trees and bushes, suggesting a natural, outdoor setting.

Alunos do Prece em mais um fim de semana de estudos no Sítio Cipó, em Pentecoste. Os estudantes tiram dúvidas das matérias entre si

ao Ensino Superior. É a figura do facilitador, em substituição à do professor.

Não é por menos que a visão é de “que cada cidadão seja um protagonista autônomo, e que cada comunidade seja um espaço de cooperação e desenvolvimento igualitário”, como anuncia o Instituto Coração de Estudante, organização não governamental criada pelos estudantes já em consequência dos resultados alcançados e para dar conta de sua expansão. Durante quase dez anos, o Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece), que é cadastrado como projeto de extensão na UFC, foi desenvolvido exclusivamente em Cipó. A partir de 2003, outras 11 Escolas Populares Cooperativas (EPCs) foram organizadas em três municípios do Estado do Ceará – Apuiarés, Paramoti e Fortaleza – envolvendo, aproximadamente, 700 estudantes, incluindo os 136 universitários.

Quando o estudante Tony Wérison de Sousa Ramos, hoje com 25 anos e indo para o quinto semestre de Ciências Sociais na UFC, entrou no programa, em 2002, ainda não havia Escola Popular Cooperativa na sede de Pentecoste, onde morava. Ele ia então todos os fins de semana para a comunidade de Cipó. Valeu a pena. Desde 2005, é um universitário, e volta à cidade natal às sextas-feiras para colaborar como facilitador nas turmas do Pré-Vestibular Cooperativo, servindo inclusive de exemplo e estímulo para os pré-vestibulandos. “No município, não há instituição que trabalhe com pré-vestibular. O Prece, além de ser uma experiência diferenciada de pré-vestibular, não oferece aula expositiva. O protagonista do processo é o estudante mesmo. O programa dá as condições, o suporte para você estudar – material didático, internet...”, avalia.

Foi assim com Tony e também com as duas irmãs. Uma, Mylana, 18 anos, vai para o segundo semestre de História; outra, Leylane, mais nova, ainda está cursando o Ensino Médio, mas já se inseriu no Programa, repetindo o exemplo da outra. Essa é uma das mudanças de atitude que a experiência tem promovido na juventude da cidade. Muitos jovens ainda nem terminaram o nível médio, mas buscam logo

o pré-vestibular. “Antes, quando os estudantes terminavam o Ensino Médio não viam oportunidade de entrar na universidade”, observa Tony. Para o ingresso no pré-vestibular propriamente dito, quem chega passa pela Revisão do Ensino Fundamental e Médio sob acompanhamento de monitores, também estudantes. “É a cooperação. Estudante ajudando outro estudante”, resume.

Uma das transformações é percebida pelo próprio poder público municipal. O Programa está estimulando a permanência dos alunos na escola e a conclusão do Ensino Médio. Segundo a secretária de Educação de Pentecoste, Clara Pinho, a experiência tem despertado o interesse de outros municípios e a administração local cogita a possibilidade de aplicar a metodologia do Prece em um projeto-piloto para o Ensino Fundamental. “Isso pode dar uma guinada no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O estudante de Ensino Fundamental em contato com o Prece vai ter menos dificuldade de ingressar na Universidade quando terminar o Ensino Médio”, avalia.

Dos 300 estudantes que passaram pelo Programa nas 12 Escolas Populares Cooperativas existentes hoje e se inscreveram no último vestibular da UFC, 124 conse-

guiram passar pela primeira fase e 44 foram aprovados em definitivo. Dos 68 inscritos de Pentecoste, sete ingressaram na Universidade, inclusive para cursos como Psicologia e Enfermagem. “O resultado é excelente, comparado a outros municípios. Pentecoste é privilegiada por ter esse projeto”, reconhece a secretária municipal.

O Prece é um dos quatro grandes programas desenvolvidos por meio do Instituto Coração de Estudante. Além da Revisão do Ensino Fundamental e Médio e do Pré-Vestibular Cooperativo, o Prece conta com projetos como Educação de Jovens e Adultos e Estudante Ativo, que trabalha com os alunos das escolas públicas locais a contextualização do que eles aprendem

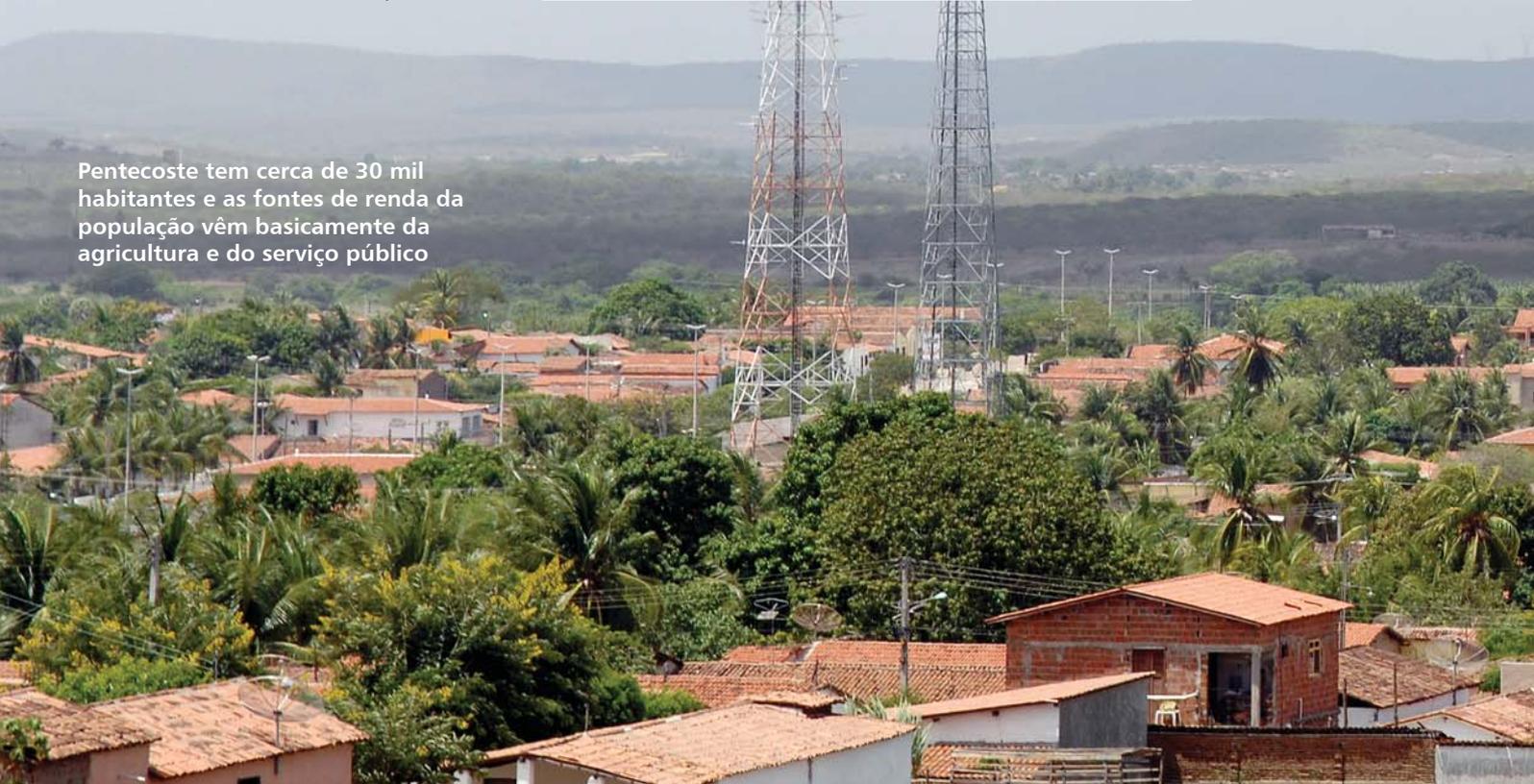
com a realidade local. Todas essas atividades ocorrem sempre aos fins de semana, de manhã até a noite.

Enquanto o Prece se volta mais para a formação educacional dos estudantes, os outros três programas do Instituto Coração de Estudante contemplam o desenvolvimento produtivo, a formação política, o controle social e as atividades esportivas, artísticas e culturais. O Núcleo de Assessoria ao Pequeno Produtor Rural é uma das ações que têm melhorado o nível de organização interna das associações de agricultores, segundo Raimundo Marcilo Sousa, diretor-executivo da Central das Organizações Associativas do Município de Pentecoste (Coamp), que congrega 22 entidades.



A possibilidade real de ingresso na universidade mudou as perspectivas da juventude de Pentecoste. É comum encontrar jovens que ainda não terminaram o Ensino Médio frequentando as células do Prece

Pentecoste tem cerca de 30 mil habitantes e as fontes de renda da população vêm basicamente da agricultura e do serviço público



Para abarcar tantas ações, o Instituto tem se articulado com diversas instituições, o que tem garantido parcerias com órgãos, programas ou projetos, públicos, privados ou da sociedade civil organizada, para financiamento, aquisição de bolsas, infra-estrutura, certificação de estudantes, residência, alimentação e transporte escolar. Além disso, o Instituto conta com o apoio de outras instituições para a formação de protagonistas sociais, participação em rede de empreendimentos sociais, articulação comunitária e assessoria jurídica.

Um programa, muitas transformações

Auto-estima, protagonismo juvenil, socialização, solidariedade. O processo de conquista de uma vaga na universidade por estudantes de escolas públicas, pertencentes a famílias de baixa renda, envolve aprendizados que vão além da aquisição de conhecimentos para fins de escolaridade. Principalmente em comunidades do Interior, no Sertão, onde o Prece tem um maior campo de atuação. “Os resultados são imensuráveis, são qualitativos”, aponta Nonato Furtado, 24, estudante do sétimo semestre de Letras na UFC e coordenador da Escola Popular Cooperativa de Pentecoste.

A mudança de perspectiva para a juventude é uma das contribuições que o

Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) trouxe. Pentecoste é uma cidade pequena, com uma população de cerca de 30 mil pessoas – 27.776 habitantes, segundo o censo de 1999, distribuídos em 0,41% da área total do Estado. As fontes de renda estão basicamente na agropecuária e no serviço público municipal. “Antes, o máximo com que os jovens contavam era arranjar um emprego no comércio de Fortaleza. Com o Prece, começaram a sonhar em entrar na universidade porque viam o exemplo dos que eram aprovados, filhos de classe popular mesmo”, compara Nonato.

A partir da possibilidade real de acesso ao Ensino Superior por estudantes de escola pública, os moradores estão estabelecendo outras relações com a cidade. Entre elas, a relação de estima com o lugar de origem, que é realimentada a cada retorno nos fins de semana – todas as sextas-feiras, um ônibus fretado pelo Instituto Coração de Estudante sai do bairro Benfica, onde fica uma das Escolas Populares Cooperativas, levando os universitários para Pentecoste e Apuiarés.

Muitos pensam em voltar a morar na cidade quando terminarem os estudos de graduação, mestrado e até doutorado. O futuro sociólogo Tony Ramos é um deles. Um dos primeiros estudantes graduados,

Francisco José Teixeira Gonçalves, que se formou em Agronomia em 2004, já voltou para Pentecoste. A relação de vínculo que estabeleceu com a comunidade de Cipó é tamanha que Francisco pensa até em construir uma casa por lá, onde tudo começou com ele e mais seis estudantes. O retorno para a cidade de origem representa uma possibilidade de crescimento econômico local a médio e longo prazos, em função de uma mão-de-obra cada vez mais qualificada.

Além da inclusão educacional, o Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) trabalha também a formação política das pessoas. “Hoje, é um movimento social que tem um peso na comunidade. Um dos objetivos do Prece é a transformação da realidade local. O sonho é trazer o estudante para fazer a conscientização política nas comunidades, para participar mais da administração pública, propondo, criticando”, observa Tony. Ele e a irmã já estão dando esse retorno para a comunidade, não apenas por meio do Pré-Vestibular Cooperativo, que é só uma das ações do Prece. Os dois participam do projeto Estudante Ativo, capacitando alunos de Pentecoste em História “para que sejam agentes de transformação da escola pública” onde estudam.

Um outro exemplo do trabalho de





Já são 12 as escolas populares cooperativas do Prece. Dos 300 estudantes inscritos no último vestibular da UFC, 124 passaram na primeira fase

politização que o Prece vem promovendo é o Programa Coração de Estudante, na Rádio Difusora Vale do Curu, emissora do próprio município, apresentado e produzido por universitários aos fins de semana e por pré-vestibulandos de segunda a sexta-feira. As discussões da Câmara Municipal ganham repercussão durante o programa. Nessa mesma linha de estimular o acompanhamento do poder público, o Instituto organizou o primeiro debate entre candidatos a prefeito, nas eleições municipais de 2004. E o local tinha tudo a ver com a história do Prece: a comunidade de Cipó. Com o nível de esclarecimento que os moradores estão tendo, nenhum candidato arriscou se ausentar.

Os malvistos viraram heróis

Tudo começou em outubro de 1994. Sete jovens que estavam fora da escola foram estimulados por um professor universitário a retomar os estudos. O professor é natural de Cipó, já dava aulas no Departamento de Química Orgânica e Inorgânica da UFC e agora está fazendo pós-doutora-

do nos Estados Unidos. O mentor do sucesso que hoje é o Prece se chama Manoel Andrade Neto.

Dos jovens aconselhados por ele, quatro passaram a morar numa casa de farinha abandonada, na comunidade de Cipó, para estudar em grupo. “Na época, pegar em livro uma vez por semana era tido como um estudante excepcional. Eu não pensava em fazer faculdade porque achava que não estava ao meu alcance. Acreditei, apostei e consegui”, descreve Francisco José Teixeira Gonçalves, 30. Nesse período, ele tinha apenas a sexta série, mas fez o supletivo e, em 1997, concorreu para Engenharia de Pesca. Aprovado, transferiu-se para Agronomia, curso que concluiu em 2004.

Atualmente morando em Pentecoste, Francisco é um dos coordenadores do Núcleo de Assessoria ao Pequeno Produtor Rural, uma ação extensiva do Prece, idealizada por ele e criada em 2005, que oferece assessoria técnica gratuita aos agricultores para melhorar as condições de vida deles.

Mas o início não foi fácil. Sem energia

elétrica na localidade, os rapazes estudavam à noite sob luz de lamparina. Sem fonte de renda, muitas vezes precisavam deixar a casa de farinha para fazer as refeições em alguma residência mais próxima ou na casa dos pais que ficava longe. Além disso, o grupo de rapazes era malvisto. Alguns diziam que eles não queriam trabalhar, outros especulavam que fossem homossexuais. Hoje, são bastante respeitados pela comunidade. “A partir do estudo em grupo, eles passaram no vestibular, e outras pessoas começaram a fazer o mesmo”, observa Caroline Avendaño, uma das diretoras do Instituto Coração de Estudante. “Hoje, eles são vistos como heróis”.

Um deles está fazendo doutorado. Há 12 anos, tinha apenas a quarta série do Ensino Fundamental, cursava o supletivo e jamais havia imaginado que um dia seria chamado de doutor. “Diante dessas mudanças, não tenho palavras para explicar. Eu reflito muito sobre essa caminhada, as vitórias, e me sinto muito feliz e com uma responsabilidade social muito grande de contribuir com centenas de crianças e adolescentes de classe pobre para que tenham a mesma oportunidade que eu tive”, diz Noberto Bezerra, 32, graduado em Química, mestre em Química Orgânica de Produtos Naturais e doutorando na mesma área.

Uma das satisfações de Noberto, que hoje também é presidente do Instituto Coração de Estudante, foi ver a família se transformando em função das conquistas que ele alcançou. Um dos irmãos, depois de ter ingressado no Prece, já está há um ano na universidade, seguindo os passos de Noberto, no curso de Química. Outro ingressou no Programa e parou de beber. Duas irmãs, já casadas e com filhos para cuidar, também voltaram a estudar. Todos mais velhos que Noberto.



O agricultor e futuro agrônomo José Firmiano de Sousa e a filha Paula Luciana, que acabou de ser aprovada para Engenharia de Alimentos. Em 2003, ele e a filha mais velha, Daiana Paula foram aprovados para Agronomia e Geografia, respectivamente

Uma família de estudantes

Em 1997, o agricultor José de Paulo Firmiano de Sousa tinha apenas a segunda série incompleta do Ensino Fundamental. Deixou de estudar ainda adolescente porque, além de precisar trabalhar na roça, o acesso à educação na época não era fácil. Com o incentivo do Prece, ele retomou os estudos há dez anos e, de lá para cá, muita coisa mudou na sua vida. José de Paulo está perto de terminar o curso de Agronomia na Universidade Federal do Ceará. De 1997 a 2000, ele concluiu o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, mesmo com todas as adversidades de morar no sertão, ter uma família para sustentar e lidar com a resistência das pessoas em vê-lo estudando.

Trabalhava de dia, estudava de noite, iluminado pela lamparina e pela luz própria que não o deixaram permanecer na escuridão do semianalfabetismo. Em 2001, depois de concluir o Ensino Médio, já pelo telecurso, ingressou no Pré-Vestibular Cooperativo do Prece, como havia feito a filha Daiana Paula, 24. No fim de 2002, os dois fizeram o vestibular, ele para Agronomia, ela para Zootecnia, mas não passaram da primeira fase. Depois de tanto chão percorrido, era pouco demais para se deixar abater. No ano seguinte, José de Paulo passou a ser monitor no Prece, o que ele atribui como ajuda em aquisição de conhecimento para conseguir ingressar no vestibular na segunda tentativa. Ele insistiu em Agronomia, a filha tentou Geografia, os dois obtiveram sucesso.

E como no Programa cooperação é a palavra-chave, ele resolveu criar uma das

Escolas Populares Cooperativas na comunidade de Boa Vista, também em Pentecoste, onde mora, assumindo a coordenação. Quando precisou do Prece, saía de Boa Vista para Cipó, a pé, de canoa, enfrentando rio cheio, lama e a ignorância – frases do tipo “Velho estudando é para aprender a mentir”, “Ele quer morrer sabido”, “Está estudando pra aprender a cortar capim?”. Para provocações como essa, ele reagia com brincadeira. “Estou estudando pra aprender a cortar capim, sim, mas cortar direito”, respondia. Mas outras maledicências soavam como agressão, o que não dava para ficar indiferente. “Vai trabalhar, vagabundo”. Os olhos de José de Paulo ficam marejados ainda hoje quando relembra essa frase maldita.

Agora, aos 46 anos, entrando no sexto semestre de Agronomia, tudo parece superado. A alegria mais recente foi a aprovação da filha Paula Luciana, 18, para Engenharia de Alimentos. Mais um fruto do Prece. “O Prece me fez pensar em faculdade. Se não fosse ele, talvez eu tivesse ainda com a segunda série incompleta. Hoje, somos uma família de estudantes”, diz, num misto de satisfação e simplicidade impressionantes, referindo-se a ele próprio, aos filhos e à esposa, que aos 44 anos, está cursando o Ensino Médio.

Documentário e premiação

A trajetória de universitários de origem popular vai ser abordada em um documentário que a estudante de Comu-

nicação Social Caroline Avendaño, 21, natural de Pentecoste, está preparando. E nesse trabalho, ela vai recorrer a personagens que passaram pelo Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece). Com o projeto aprovado pela Fundação da Cultura, Esporte e Turismo (Funcet), da Prefeitura de Fortaleza, o curta-metragem “Cabras da Peste: relatos de superação de jovens sertanejos contra a exclusão educacional” deve ficar pronto até o fim deste ano.

Na justificativa que apresentou ao concorrer aos Editais das Artes, da Funcet, Caroline revelou sua relação íntima com o tema. “Envolvei-me de corpo e alma nessa rede de cooperação que forma protagonistas sociais comprometidos com a mudança da sociedade desigual em que vivemos. Gostaria muito de compartilhar a história de vida desses vencedores com a sociedade em geral, mas principalmente com outros estudantes, lutando por uma valorização da educação, e pela melhoria de sua qualidade”. A rede de cooperação é o Prece.

Conseguir a aprovação para realizar o documentário já foi uma forma de reconhecimento à experiência do Programa, mas o trabalho vem recebendo outras manifestações de estímulo. A Escola Popular Cooperativa do bairro Pirambu, por exemplo, foi premiada nos Encontros Universitários da UFC, também no ano passado, com o projeto “Curso Pré-Vestibular e Educação de Jovens e Adultos Pirambu-Cidadania”.



Carol Avendaño, estudante de Comunicação Social (UFC) e integrante do Prece, ganhou edital da Funcet para produzir documentário sobre a experiência do Projeto

Academia reflete sobre a experiência

O Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) já resultou em duas monografias de graduação feitas por participantes da experiência, Elton Luz Lopes e Antonio Honório de Sousa, ambos 23 anos e formados em Química. “Prece: movimento de educação para a autonomia” foi o primeiro trabalho, apresentado no início do ano passado por Elton, que analisou dados de uma década – de 1996 a 2005 – fornecidos pelo Núcleo de Processamento de Dados da UFC.

De acordo com os dados, 55% dos estudantes que se declararam de Pentecoste e foram aprovados no vestibular da UFC passaram pelo Programa. “Mas esse percentual é muito maior porque não estão contemplados aí estudantes de Apuiarés, por exemplo, que fizeram ou fazem o Pré-Vestibular em Pentecoste”, observa Elton, ele mesmo um exemplo disso, pois é natural de Canafístula, em Apuiarés, mas fez o Pré-Vestibular Cooperativo na comunidade de Cipó, em Pentecoste.

Os dados do próprio Programa apontam 92 estudantes aprovados ao longo de 12 anos, excluindo-se o último vestibular da UFC, sendo 60% de Pentecoste, 17% de Apuiarés e 23% de outros municípios. “Os 45% restantes são estudantes que têm condições de estudar em Fortaleza em colégio particular”, acrescenta Elton.

Ele aponta ainda que 74% dos aprovados que passaram pelo Prece estudaram

a vida toda em escola pública. Levando-se em conta que muitos se declararam como tendo estudado a maior parte da vida, com apenas algum período na escola filantrópica de Pentecoste, o percentual aumenta para 90%. Outro dado que ele aponta como interessante mede a importância que o Programa passa a ter para os estudantes. Para 60%, o Prece foi o que mais contribuiu para a permanência no Ensino Superior, percentual igual ao que foi alcançado pela figura paterna.

Ao avaliar a contribuição do Programa para o desenvolvimento da educação do município, Elton apontou a implantação das Escolas Populares Cooperativas, o número de aprovados ao longo dos anos em mais de 20 cursos e o retorno dos universitários no fim de semana. “A presença deles é uma injeção de ânimo para quem está se preparando para o vestibular”. Ele faz uma analogia dos universitários com os intelectuais orgânicos definidos por Gramsci que, diferentes dos intelectuais tradicionais, atuam na comunidade de origem, contribuindo diretamente para a transformação da realidade local.

Natural de Canafístula, comunidade de Apuiarés, ele considera que o Prece é responsável por fazer com que a maioria dos estudantes do meio rural saiba que “existe algo além do Ensino Médio”. Ele mesmo ouviu falar em vestibular pela primeira vez ao ingressar no Programa. “Foi quando vim saber o que era e passei a me

interessar”. Entre Apuiarés e Pentecoste, Elton terminou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, ingressando em 2001 no Pré-Vestibular Cooperativo da comunidade de Cipó e passando de primeira no vestibular no fim do mesmo ano. Hoje, está fazendo mestrado e se revezando como facilitador entre Canafístula e Pentecoste, além de integrar a coordenação do Instituto Coração de Estudante.

O segundo trabalho científico sobre o Prece foi apresentado também no ano passado como monografia de fim de curso do estudante Honório de Sousa. Com o título Projeto de Formação de Estudantes Ativos, ele estudou essa ação do Programa, focando a metodologia, a presença do facilitador e os conteúdos trabalhados.

O projeto Estudante Ativo envolve alunos das séries finais do Ensino Fundamental e dos três anos do Ensino Médio. Honório aponta duas grandes diferenças do projeto em relação ao que acontece no modelo convencional de ensino nas escolas. Uma é a ênfase no trabalho em equipe e outra é a presença do facilitador, diferenças que promovem uma aproximação muito maior entre os alunos.

“Eles aprendem com os próprios colegas e têm uma oportunidade maior de se expressar sobre os conteúdos”, compara Honório. O trabalho levantou que dos 65 alunos de escolas públicas de Pentecoste inseridos no projeto Estudante Ativo, cerca de 90% disseram estudar pela primeira vez em células de ensino.

Com uma trajetória comum aos participantes do Prece, Honório sempre estudou em escola pública, passou pelo Pré-Vestibular Cooperativo e foi aprovado no vestibular em 2002, na sua primeira tentativa. Agora graduado, vai engatar o mestrado, sem deixar de contribuir com o Programa. Em Pentecoste, ele atua como facilitador em Química no projeto Estudante Ativo e facilitador em Matemática de um grupo de professores que têm outra formação, mas dão aulas da disciplina por falta de profissionais na área. Em Fortaleza, ele também atua como facilitador de Química no Pré-Vestibular Cooperativo na Escola Popular Cooperativa do Benfica. ☺



A antiga casa de farinha transformada em local de estudo e reflexão crítica, no Sítio Cipó

Bons de bola, bons de nota

Ação social desenvolvida pelo curso de Educação Física e empresa Ultragaz promove recreação e socialização para 132 meninos e meninas do município de Caucaia. O projeto é desenvolvido em várias cidades brasileiras e os pequenos esportistas cearenses já são recordistas de medalhas



132 meninos e meninas de escolas públicas de Caucaia participam do projeto que tem foco na recreação

Um campo de futebol ou uma quadra de esportes são espaços, por excelência, de descoberta, preparação e desenvolvimento de potenciais atletas. As instalações do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará se destinam à formação de futuros profissionais na área, porém estão servindo para mais que disso. Na grama ou na quadra, crianças e adolescentes de comunidades carentes de Caucaia, município da Região Metropolitana de Fortaleza, exercitam mais que o corpo. Exercitam a recreação, a socialização, a auto-confiança e a confiança no outro, descobrem outros mundos, deparam-se com novos aprendizados, e levam o resultado de tudo isso para a sala de aula, para dentro de casa, para o local onde moram.

Inseridos no programa Bom de Nota, Bom de Bola, 132 meninos e meninas são incentivados, por meio da iniciação em futebol e voleibol, a ter um bom desempenho e comportamento adequado na escola, mas

a repercussão é também em outras esferas da vida. Uma ação social de caráter educativo que estimula o desenvolvimento de habilidades, valores e posturas para o crescimento saudável, utilizando o esporte como ferramenta para o desenvolvimento físico e psicossocial dos participantes, envolve 61 estudantes da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Joana D'Arc e 71 da Escola de Ensino Fundamental Dona Lavínia, unidades da rede municipal de ensino de Caucaia.

O programa, idealizado pela Associação Desportiva Pró-Esporte, uma organização não governamental com sede em Ribeirão Preto (São Paulo), é executado por empresas privadas e instituições parceiras. Lançado em 1998, o programa atinge hoje mais de dois mil estudantes de sete a 13 anos de 12 escolas públicas de comunidades e bairros periféricos das cidades de Ribeirão Preto, Bauru e Sales de Oliveira (São Paulo) e Uberaba, Uberlândia e Belo Ho-

rizonte (Minas Gerais). Além de Caucaia, no Ceará, onde o esforço conjunto envolve o curso de Educação Física da UFC, que realiza a ação como um projeto de extensão universitária, e a unidade local da Ultragaz, empresa que atua no mercado brasileiro de distribuição de Gás Liquefeito de Petróleo (GLP). Uma das estratégias para a manutenção do programa é a busca de investimento na iniciativa privada, o que já redundou na participação de 60 empresas patrocinando as ações.

A experiência cearense é hoje motivo de comemoração para todos os envolvidos, principalmente para os estudantes. Se em atividades que focam a competição para melhorar o rendimento físico dos participantes a medalha é uma das formas de reconhecimento, no programa Bom de Nota, Bom de Bola, embora a competitividade não seja trabalhada, a garotada também é condecorada. E no ano passado, os estudantes conquistaram 93 medalhas de ouro, o maior número de insígnias entre as demais experiências do programa. A premiação, realizada no dia 21 de dezembro, nas instalações do curso de Educação Física, serve de estímulo aos participantes e se torna referência para outros estudantes, inclusive de escolas não contempladas pelo programa.

A secretária da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Joana D'Arc, Franciana Batista da Silva, lembra que, mesmo sem o feito alcançado recentemente, muitos alunos de outros estabelecimentos já se transferiram para as escolas beneficiadas pelo programa para participar das atividades. Se o público externo já tem uma percepção positiva das ações, a avaliação interna é ainda melhor. "Falar do projeto é falar de tudo na escola. A frequência dos alunos melhorou



Os pequenos atletas conquistaram o maior número de medalhas do Programa no País. Foram 93 ano passado

100%, as professoras da escola são só elogios ao projeto”, observa a secretária.

As escolas são responsáveis pela seleção dos alunos envolvidos, e nesse processo, procuram contemplar tanto quem já apresenta bom desempenho e comportamento considerado adequado em sala de aula, quanto quem precisa ter um melhor rendimento. “Procuramos dar chance a uns e a outros, com mais ênfase aos que têm mais dificuldade, para que sejam estimulados”, explica Franciana. Foi assim com os irmãos Ednilton Mendes da Silva, 11, que vai cursar a quarta série este ano, e Edson, 14, que vai para a terceira, alunos da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Joana D’ Arc. Um era bem avaliado, o outro não, mas ao entrarem no programa, os dois se nivelaram. É por isso que continuam inseridos nas ações.

O bom rendimento em sala de aula é decisivo para a continuidade do aluno no programa. “Só ficam no projeto os estudantes que estiverem bem na escola”, reforça Gilmar Alves Farias, educador físico, professor do Departamento de Fundamentos, da Faculdade de Educação da UFC, e professor de voleibol para a meninada. Entre os critérios avaliados para a permanência no programa, contam a frequência em sala de aula e no centro esportivo, a evolução das notas, o comportamento na escola e no centro esportivo e até o uso adequado do uniforme, único retorno material dado aos participantes.

Além das atividades esportivas, lúdicas e recreativas realizadas nas instalações do curso de Educação Física sempre às sextas-feiras – pela manhã para quem estuda no turno vespertino, e à tarde para quem frequenta a escola no turno matutino –, os alunos participam de atividades em outros locais. Ao longo da experiência cearense do programa, que começou em 2003, os participantes foram levados ao cinema e à Bienal do Livro e conheceram o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, os estádios Castelão e Presidente Vargas, o Ginásio Paulo Sarasate e o Jardim Botânico. O contato com os esportes, as artes, a literatura tem sido importante tanto para

as crianças quanto para a equipe envolvida com as atividades.

O jovem Pedro Júnior, 21 anos, ainda vai entrar no quinto semestre do curso de Educação Física, mas já está há dois anos como professor de futebol da criançada. Para ele, uma oportunidade de contribuir para tirar crianças das ruas por meio do esporte. “As crianças colaboram com o trabalho da gente, são obedientes e participativas. É uma experiência a mais na vida da gente, uma experiência que não forma só atleta, forma cidadão”, avalia Pedro, pela primeira vez realizando um trabalho social. Para os professores da UFC, que estão ajudando a transformar um pouco a realidade de crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade econômica e social, é um aprendizado a mais.

O coordenador esportivo da experiência local e professor do curso de Educação Física, Lídio Pereira Neto, ressalta o trabalho de cidadania que está sendo tocado. “Outras escolinhas buscam a habilidade, a técnica, nós buscamos o lazer, a recreação, a cidadania”. Embora o interesse principal do programa não seja formar atletas, os participantes que se destacam nas atividades esportivas podem ser aproveitados. Alguns clubes interessados em descobrir futuros craques procuraram a universidade e, em 2004, quatro alunos que se sobressaíam já chegaram a ser indicados para a seleção sub-14 de um dos times de futebol locais. Para alguns, as oportunidades e transformações podem vir mais rápido. ☺



Vôlei e futebol são os esportes trabalhados pelo projeto desenvolvido pelo curso de Educação Física da UFC

Mulheres na política

Feminista e pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, Cristina Buarque acaba de assumir a Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres, no Governo de Pernambuco. No cargo, ela carrega a tarefa árdua de reduzir a violência no estado brasileiro onde mais mulheres são assassinadas por ano. Paralelamente à sua ação no Executivo, ela é secretária executiva do Projeto Mulher e Democracia que vem trabalhando para ampliar os espaços das mulheres na esfera pública e qualificando a sua atuação.

No último mês de janeiro, a economista, mestra em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, esteve em Fortaleza para a abertura de curso de Formadoras de Gênero, promovido em parceria pelo Sindicato dos Comerciantes de Fortaleza e Núcleo de Estudos em Gênero e Família da UFC (Negif). Suas idéias sobre mulheres, participação política e feminismo estão na entrevista a seguir (Por Ana Rita Fonteles)



Universidade Pública - A senhora ordena um projeto chamado Mulher e Democracia. Como avalia a participação feminina na esfera política hoje?

Cristina Buarque – Há crescimento em determinados momentos, mas é sempre descontínuo. Se você analisa a ação do movimento feminista na década de 30 e um pouquinho antes, no final da década de 20 do século XX, você vai ver as mulheres brigando muito por isso. Nesse momento, elas se candidatam, ganham o direito ao voto. O que houve naquele momento foi bastante expressivo com relação ao que vai acontecer 70 anos depois. Em 1947, de novo, as mulheres se lançam. Nesse período tem um fenômeno muito interessante que é o Partido Comunista Brasileiro candidatando muitas mulheres no Nordeste. Você vai ver de novo o crescimento na Constituinte. Em 1986, as mulheres se candidatam e têm um crescimento. E com a política de cotas em 1995, 1996, 1997, há um crescimento. O que a gente pode dizer, a partir do Projeto, é que todas as vezes em que há um investimento na maior participação das mulheres no espaço da democracia participativa há uma resposta, porém não há uma continuidade nesses esforços, de forma que você vai dar um sopapo

e pára. O Mulher e Democracia foi criado para desenvolver uma ação contínua e analisar as questões que impedem e produzem essa estagnação de vez em quando. Os golpes atrapalharam, assim como toda aquela idéia da esquerda que defendia outra sociedade que daria a liberdade, a emancipação. A democracia participativa não pesava aí. O movimento feminista foi influenciado um longo tempo por isso e no momento atual acho que começa a rever bastante essa questão das mulheres no poder dentro da democracia representativa.

UP - A senhora acha que a retomada dessa discussão vai passar por uma redefinição da política de cotas?

CB - Avalio a política de cotas como positiva. Ela permitiu um crescimento, mas num primeiro momento não veio só, veio com a campanha “Mulheres sem medo do poder”. Veio com cursos, cartilhas e depois teve descontinuidade. Permitiu um crescimento em todos os estados do Brasil. Ninguém pode negar o salto que houve dentro dos Estados e no Congresso Nacional com a política de cotas. Ela teve um impacto, mas houve uma descontinuidade. Lei é uma coisa que se aplica na medida em que ela encontra ins-

trumentos no cotidiano da sociedade, do governo, do parlamento pra que ela exista, senão ela fica no papel. Avalio a política de cotas como importante, mas não suficiente. Um ponto dificultoso é que a política de cotas é para os partidos. Não existe nenhuma cobrança desses partidos de que cumpram a política. E essa cobrança deveria vir tanto do espaço governamental como do movimento social. Os partidos burlaram a política de cotas, colocaram mulheres laranjas, o que é uma verdadeira agressão à lei e à representação política das mulheres, desqualifica tanto...

UP - Quem são essas mulheres laranja?

CB - Os partidos têm que cumprir as cotas. Então fazem esse “esforço” de cumprir a cota, chamando qualquer mulher para ser candidata. E essa mulher ele chama e não apóia em nada essa candidatura. É somente para se posicionar e dizer: eu cumpri. E nenhum partido cumpriu nunca. Nunca chegou aos 30%. A mulher laranja é muito perversa porque ela desqualifica as cotas militantes do partido.

UP - Há uma preocupação quando se fala de cotas somente no aspecto quanti-

tativo. Tivemos aqui uma experiência de bancada feminina formada por mulheres atreladas a relações de poder bem antigas: são filhas, sobrinhas, esposas de políticos tradicionais. Elas conseguem chegar ao poder, por conta desse apadrinhamento, mas não produzem o esperado para uma bancada feminina. Como se pode trabalhar para reverter essa questão?

CB - Primeiro a gente tem uma fotografia do parlamento nacional em seus níveis municipal, estadual e federal como parlamentos em que essa questão de família é muito forte. Não são as mulheres que introduzem isso e nem são elas que dão continuidade a isso. ACM teve o filho e tem o neto, Sarney tem a filha, o filho, todo mundo. Toda a política brasileira tem isso. O filho do José Dirceu já está lá. A gente precisa não culpar tanto as mulheres nessa história. As mulheres ocupam espaços de poder em três situações. É isso que interessa. A gente tem de deixar de fazer as análises que a gente faz com o masculino para fazer com as mulheres, porque são socializações completamente distintas e formas de entrada no poder distintas, apesar de também ser pelo lado da família. Mesmo sendo pela família, é diferente de como os homens vão. Porque elas só vão pelo lado da família quando não tem nenhum familiar homem pra botar. Elas são a reserva da reserva da reserva. Existem casos de mulheres que brigaram dentro dessas famílias porque o pai queria que fosse o filho homem e ela queria ser política. O Projeto Mulher e Democracia se propôs a trabalhar de uma forma diferente pra se aproximar dessas mulheres. E as surpresas são grandes. Então elas vão por esses três caminhos: há a mulher que vai pela via familiar, há mulheres que se travestem de homem para chegar ao poder dentro do partido, adotando toda uma postura masculina, e as mulheres que se constroem e entram no poder se dizendo mulheres, dizendo que vão batalhar pelas mulheres e pelas causas sociais de uma forma diferenciada. Essas são uma minoria. Mas não significa que não possa haver alianças entre elas. Mas os partidos não deixam, muitas vezes, que elas se juntem.

UP - Nas campanhas para o executivo

as candidatas costumam colocar esse diferencial diante do eleitor, de que há um jeito feminino de governar, mais sensível, mais humano. Até onde essa campanha é positiva, até onde limita as mulheres?

CB - Essa diferença colocada pra jogar pra dentro do espaço privado é uma armadilha, não é o que há de melhor. É muito bom que as mulheres estejam no poder porque é uma divisão do poder. Não porque são mães. Porque esse lugar de mãe é lugar do privado. E a mulher no poder está no espaço público. O que elas vão trazer, sem dúvida nenhuma é uma socialização distinta. Se eu fui socializada para cuidar é mais fácil eu pensar no outro do que os homens que não foram socializados para cuidar. Eles foram socializados apenas para prover. E o resto do mundo

“Ninguém pode negar o salto que houve dentro dos Estados e no Congresso Nacional com a política de cotas. Ela teve um impacto, mas houve uma descontinuidade”

ao seu dispor. O que acontece tanto do ponto de vista negativo, como positivo quando se puxa as mulheres que estão no espaço público para referenciá-las na sua vida privada se dá isso sempre de forma negativa. Apesar de ter esse lado de ressaltar a maternidade, também tem o lado de quando a mulher não é essa mãe, essa esposa casadinha, de chamar de prostituta. É sempre uma tentativa de não deixá-la no lugar público. As mulheres podem até usar isso, mas é uma perspectiva errada, de achar que a população pensa isso. Essa fala não é para as mulheres, é fala pro que há de mais tradicional. Ou seja, as mulheres não são públicas. Elas vão para o espaço público, mas o lugar dela é o privado.

UP - Há necessidade de reabilitar o feminismo como instrumento de pesquisa acadêmica?

CB - Acho que há e já está havendo. Gênero teve aquele *boom* e hoje já se passa a entender o que é feminismo e o que é gênero. O feminismo é uma ação política das mulheres de transformação da sociedade, a partir da cultura dessa sociedade, e tem uma protagonista muito clara que são as mulheres. O feminismo é um movimento social, é um pensamento filosófico. Gênero é criação do feminismo, é um conceito para que você analise a sociedade e o que foi feito com isso foi querer dizer que gênero substituiu essa política. Não. Gênero é categoria ligada à ação política, do mesmo jeito que classe é um conceito ligado a uma ação política. Não existe movimento de gênero. O movimento é feminista.

UP - Como a senhora pretende enfrentar a questão da violência contra a mulher em seu Estado?

CB - As mulheres tiveram uma grande vitória com a Lei Maria da Penha. Colocar essa lei em vigor, para que ela passe ao cotidiano, é um ponto e isso através de campanhas no rádio, campanha na escola. Mas a campanha não é tudo. Não será possível de ontem pra hoje evitar a agressão, mas será possível fazer a punição. Trazendo a Lei Maria da Penha, melhorando as delegacias, as casas abrigo, os centros de referência, aumentando as denúncias, mas também aumentando a punição ao pessoal que faz isso, poderemos apresentar à sociedade a idéia de que violência contra a mulher é crime e quem a comete pode ser preso. A grande articulação que queremos ter é no espaço da Secretaria de Educação. É preciso mudar os valores da educação no Brasil. As mulheres são maioria no espaço da educação, mas a gente tem que avaliar o valor que nunca foi trabalhado: o que significa o patriarcado nessa sociedade? Quem são os homens nessa sociedade? Que valor eles têm? Que valor as mulheres têm nessa sociedade? Esse é um grande trabalho estrutural para diminuir a violência contra a mulher.



Mais espaço

Projeto de novo bloco didático, com uso compartilhado, é saída para a falta de salas de aula e de espaços de convivência no campus do Benfica

A falta de salas de aula ainda é uma infeliz realidade vivida por toda a UFC. Para se ter uma idéia da gravidade do problema, seria necessária a construção de mais 56 salas para suprir essa carência nos três campi. Com a intenção de minimizar essa dificuldade, a Administração Superior da Universidade propôs, no segundo semestre de 2006, a construção de um novo bloco didático para o campus do Benfica, onde o problema é mais urgente.

A Unidade Didática do Benfica será de uso compartilhado, multifuncional, terá dois andares e será situada na Área 1 do Campus. Serão 26 salas de aula. Centro de Humanidades e Faculdade de Educação (Faced) terão oito salas cada. Já a Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado (FEAACS) será contemplada com dez. Cada sala terá capacidade para 50 alunos, fazendo com

que o bloco possa receber 1.300 alunos por turno.

Haverá um bloco de apoio e interligação, com recepção, cantina, duas salas de coordenação para cada unidade acadêmica, vestiários e banheiros para professores e alunos. A obra vai oferecer acessibilidade para deficientes. Uma praça interna de convivência e integração entre CH, Faced e FEAACS será construída, assim como está prevista a estrutura para a construção de um terceiro andar para o prédio se houver necessidade no futuro. A obra, orçada em R\$ 1.950.000,00, já está com recursos disponíveis, e durará cerca de cinco meses depois de iniciada. Um edital para execução da obra já está sendo elaborado.

O novo bloco didático é reivindicação antiga de professores e alunos destas unidades acadêmicas. De acordo com o diretor da Faculdade de Educação, Nico-

lino Trompieri, algumas vagas do estacionamento da FACED estão reservadas para servidores do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) em troca do uso de salas de aula naquela Instituição. “Se você passar aqui principalmente pela manhã e noite, não vai encontrar sala vazia”, garante. Os alunos de FACED também já precisaram utilizar o auditório da Pró-Reitoria de Extensão como sala.

Na FEAACS, o problema também é grave. Segundo a diretora Maria Naiúla Monteiro Pessoa, o déficit chega a 16 salas de aula. É comum a cada início de semestre a Faculdade solicitar salas extras para o Centro de Humanidades, que nem sempre pode “emprestá-las”. O resultado são disciplinas não ofertadas para os alunos por falta de espaço e o conseqüente atraso nos cursos. “As salas da FEAACS têm capacidade para 40 alunos, outras para



O arquiteto Neudson Braga e a maquete do futuro Bloco Didático da Humanidades: único espaço viável

apenas 20 estudantes, mas as turmas são de 50 alunos. Parte deles chega a assistir aula fora da sala, porque não tem como caberem todos”, explica.

A falta de salas de aula preocupa a direção do Centro de Humanidades principalmente na Área 2, que abriga os cursos de Comunicação Social, História, Psicologia e Biblioteconomia. Em 2004, cogitou-se a construção de um novo prédio no local, mas a falta de espaço fez com que a idéia não fosse levada adiante. “Houve outra proposta de construção do prédio na Quadra do Céu, mas não queríamos perder um espaço que é tão afetivo por alunos e professores. Outra solução pensada foi um prédio em L construído no estacionamento, mas não teria um recuo mínimo para a calçada”, rememora a diretora do CH, Fátima Costa.

A saída

Onde construir, então, um novo prédio para o CH? Como atender a demanda de novas salas da FEAACS se já não tem como ela se expandir? A solução para o problema ficou a cargo do professor aposentado do Departamento de Arquitetura da UFC, arquiteto Neudson Braga.

Alguns complicadores se colocaram de antemão. Aumentar os blocos já existentes seria inviável porque eles não apresentam estrutura para a construção de um terceiro andar. No caso da FEAACS e do CH, já não existia mais espaço para erguer novos blocos. Porém, em visita à Faced, Braga encontrou, segundo ele, o único espaço capaz de receber um novo bloco no campus do Benfica. Daí surgiu a idéia do bloco compartilhado.

A proposta foi analisada pelas diretorias das três unidades, a partir de reuniões de seus respectivos conselhos departamentais. Com a participação dos chefes de departamento, coordenadores, representantes docentes e discentes, a construção do bloco compartilhado foi aprovada em ata por todas elas. A administração superior se comprometeu a elaborar um estatuto de funcionamento para a nova unidade, se necessário, e a instalar, em novos espaços, as sedes dos Centros Acadêmicos e a quadra descoberta, localizadas na área do novo bloco.

Mas se a construção do novo bloco didático do Benfica é motivo de alívio e comemoração para muitos, para outros a obra deve ser impedida em favor do tombamento das árvores existentes no local.

A polêmica

A proposta da nova Unidade Didática do Benfica, a ser construída na área do estacionamento da Faced, recebeu resistências à sua construção. O motivo: o corte de seis árvores (quatro mangueiras e dois sapotizeiros) previsto no cronograma da obra. Por esse motivo, foi criado, em novembro de 2006, o Comitê Pró-Tombamento das Árvores do Benfica, que defende a preservação do conjunto de árvores do bairro como patrimônio histórico municipal.

O historiador Alexandre Gomes, formado pelo curso de História da UFC em 2004, é um dos representantes do Comitê, que também recebeu o nome de Movimento Tombar Para Não Tombar. “Ninguém é contra a construção desse prédio, todos têm consciência que as novas salas são necessárias, mas o local da construção e a forma como ela está sendo colocada, sem consulta a quem vivencia o local diariamente, nos fez criar esse movimento”, explica Gomes.

Formado o impasse, o então reitor René Barreira e o arquiteto Neudson Braga, responsável pelo projeto do novo bloco, estiveram na Faced no dia 4 de dezembro de 2006, em reunião aberta à comunidade universitária do campus, para discutir a construção da nova unidade, uma vez que o projeto já havia sido aprovado pelos próprios conselhos departamentais. O encontro, entretanto, não resultou em acordo.

O professor da Faced, integrante do grupo, José Gerardo Vasconcelos, também é contra a construção do novo prédio no local proposto pela Reitoria da UFC, embora reconheça o déficit de salas de aula no campus. Ele acredita que o novo bloco reduzirá as vagas de estacionamento da Faced e aquecerá o clima do bairro. “O estacionamento hoje já é apertado, imagine com 50 alunos a mais nas 26 novas salas; serão

pelo menos mais 100 carros. E há também o problema do aquecimento global. Essas árvores mantêm um clima ameno”, diz.

Os argumentos são rebatidos pelos defensores do projeto. “Na verdade, haverá um incremento de 44 vagas porque vamos disciplinar a área”, diz Ciro Nogueira Filho, Pró-reitor de Planejamento da UFC. “As salas do novo prédio foram pensadas para receber ventilação natural”, esclarece Neudson Braga. “Além disso, foi tido o máximo de cuidado para não derrubar as árvores dali; a área interna de convivência prevista no projeto do bloco conservará, inclusive, três árvores do terreno já existentes”, afirma o arquiteto.

A saída apontada para o impasse na visão do professor da Faced é desmembrar o novo bloco ou deslocar os estudantes para outro campus. “A ida para o Pici é uma possibilidade. É preciso pensar no rearranjo da própria universidade”, sugere Gerardo Vasconcelos.

A diretora da FEAACS, Maria Naiúla, discorda da sugestão. “Mas como levar a FEAACS ao Pici se já há dificuldade financeira para a construção desse novo bloco na Faced?”. O Pró-reitor de Planejamento descarta a idéia. Ele afirma que a transferência dos cursos do Benfica para o Pici custaria em torno de R\$ 30 milhões, o que estaria fora de cogitação. No entanto, Ciro Nogueira propõe aos defensores das árvores: “Queremos, em parceria com o Comitê, plantar nove árvores frutíferas numa área ao lado do novo prédio”. ☺

O professor Gerardo Vasconcelos: temor de lotação no estacionamento e preocupação com as mudanças de clima no Benfica que podem ocorrer com a derrubada de quatro mangueiras e dois sapotizeiros



Inativos?

Pesquisa da ADUFC traça perfil do professor aposentado da UFC. Os dados indicam que a maior parte dos chamados “inativos” continua trabalhando e produzindo intelectualmente

Por Gustavo Colares

A Universidade Federal do Ceará conquistou ao longo da sua história respeito e admiração da sociedade cearense através da qualidade do seu ensino e do alcance social de suas pesquisas científicas. Por trás de tantos avanços, há uma parcela de profissionais que dedicou boa parte do seu tempo à Instituição. Eles são os docentes aposentados, que passaram a se dedicar à família e a uma vida melhor no período pós-aposentadoria. Pela primeira vez, a rotina desse contingente foi analisada em pesquisa realizada pela Associação dos Docentes da UFC (ADUFC) durante o segundo semestre de 2006.

Coordenada pela também aposentada Francisca Nellie de Paula, diretora da ADUFC para Assuntos de Aposentados e Jurídicos, a pesquisa apresenta um quadro geral de como vivem os professores já ausentes da vida universitária. O levantamento confirmou uma suspeita: os docentes aposentados da UFC permanecem de alguma forma na ativa. “Aposentadoria não significa parar de trabalhar; é um momento de escolha: onde ficar, qual tipo de trabalho. Ninguém quer por completo parar. O trabalho intelectual continua”, diz a coordenadora da pesquisa.

Dos ex-docentes pesquisados, 66,7% ainda trabalham. Metade dos 198 entrevistados, em atividades remuneradas, e 16,7%, como voluntários. Quando questionados do motivo principal de permanecerem atuando no mercado de trabalho, 27,3% dos pesquisados disseram que trabalham por prazer, 21,1% porque precisam complementar a renda familiar, e 20,3% para não ficarem ociosos.

A explicação para o percentual de 21,1% dos professores permanecem na ativa para complementar a renda da família pode estar nos seguintes dados: a maioria dos entrevistados, 62,1%, afirma que ainda mantém filhos, netos ou enteados como dependentes financeiros. O índice de aposentados que continua mantendo o cônjuge como dependente chegou a 24,7%.

“A pesquisa mostra que o professor ainda é mantenedor da família. São despesas com educação, com a faculdade de filhos que ainda não se formaram. Isso ocorre mais no grupo de aposentados mais jovem, porque os filhos dos aposentados mais antigos já se casaram”, diz a coordenadora.

Dos que continuam trabalhando, 64,8% afirmaram que não têm data de



O ex-professor do Departamento de Clínica Odontológica, Cláudio Marques Freire: coordenação de especialização depois da aposentadoria

finida para parar. Já entre os que já deixaram o mercado de trabalho, 49% responderam que ainda tinham vontade de voltar a trabalhar.

A idade dos docentes pesquisados varia entre 44 e 91 anos, com média de 65 anos. A quase totalidade dos ex-docentes, 90,4%, se aposentou há menos de 16 anos. A metade deles, 50,5%, pediu a aposentadoria entre os anos de 1991 e 1995.

Os homens são maioria: 56,1% dos docentes aposentados da ADUFC. Os

casados ou que vivem em união consensual, seja homem ou mulher, chegam a percentual de 72,7%. Esse é o mesmo percentual de entrevistados que vivem em companhia do cônjuge ou dos filhos. A pesquisa atestou ainda que apenas 6,6% dos docentes pesquisados moram sozinhos. A moradia de 93,4% dos entrevistados é própria.

Quanto à titulação dos ex-professores, 71,7% possuem mestrado, 16,7% concluíram o doutorado, e 8,1% chegaram a

cursar o pós-doutorado. O restante, 3,5% dos professores, se aposentou como livre docente. No momento da aposentadoria, 66,2% dos docentes estavam enquadrados como Professor Adjunto. “Há uma diferença significativa de quem se aposentou recentemente para os que estão aposentados há mais tempo no tocante à qualificação: há mais doutores entre os primeiros”, afirma Nellie de Paula.

Vivendo melhor

Com relação à saúde e à qualidade de vida dos ex-professores, são poucas as ocorrências de problemas mais graves entre os pesquisados: 2% dizem apresentar problemas de locomoção, 4% alegaram problemas de visão ou adição, outros 2% responderam terem algum tipo de impedimento mental, e 8,6% apontaram ter outros tipos de problemas graves de saúde. Isso pode ser comprovado quando apenas 7,6% dos entrevistados dizem precisar de terceiros para realizar suas atividades. Doenças crônicas, como diabetes (12,6%) e hipertensão (37,9%), se apresentam nos aposentados com mais frequência.

São números significativos os que mostram avanços na qualidade de vida dos docentes no período pós-aposentadoria. A pesquisa revelou que 54,8% dos entrevistados afirmaram ter melhorado o relacionamento com a família, 42,6% afirmam ter havido melhora no relacionamento com os amigos, 39,3% também garantiram mais saúde emocional. Enquanto 38% afirmaram ter progredido no aspecto financeiro, 34,6% apresentaram avanços em termos profissionais. Já 26,7% atestaram ter melhores condições físicas depois da aposentadoria.

“Quando se aposentam, os professores têm mais tempo de fazer coisas. Muitos da UFC trabalhavam 40 horas semanais, com dedicação exclusiva; era muita dedicação, ao mesmo tempo apaixonante. Com a aposentadoria, você relaxa, não tem mais obrigatoriedade de horário, faz coisas da forma como quer”, explica Nellie de Paula.

Novas relações com o aposentado

A ADUFC tem hoje 1.954 associados. Os professores aposentados representam 40% do total, chegando a 784 integrantes. O número de docentes inativos registrados na associação deu um salto considerável em 2003, quando estava para ser aprovada, durante o primeiro mandato do governo Lula, a nova Reforma da Previdência. O mesmo movimento foi sentido em 1995, quando Fernando Henrique Cardoso assumiu como presidente.

Dúvidas em torno do novo sistema previdenciário e medo de perder direitos trabalhistas conquistados ao longo dos anos foram os principais motivos apontados pelos professores quando optaram pela aposentaria. São as chamadas “aposentadorias precoces”.

O número elevado de docentes aposentados na ADUFC levou a instituição a pensar em novas formas de atender a esse público associado. Historicamente, a diretoria de Assuntos de Aposentados atuava apenas em parceria com o setor jurídico, nos processos que alguns professores mantêm na Justiça em busca de reposição salarial. “Como atuar junto a esse grupo e saber quem são eles também são propósitos desse trabalho”, diz a diretora de Assuntos de Aposentados da ADUFC, Nellie de Paula.

Com relação às opções de lazer, a pesquisa admitiu múltiplas respostas. A leitura, especialmente de livros e jornais, tem a preferência de 100% dos entrevistados. Assistir a filmes, telejornais, programas de esporte e novelas diante da TV também faz parte do lazer de 98% dos docentes. Ir ao cinema, principalmente para ver comédias ou dramas, é o que preferem 94,8% dos entrevistados. Atividades esportivas, como ginástica e caminhada, apareceram como uma das opções de lazer mais citadas, por 76,3%. Encontro com amigos (92,4%) e audição de música (98,5%) também foram muito citadas.

A vida depois da aposentadoria

De segunda a sexta-feira, a rotina do professor aposentado Cláudio Marques Freire, de 70 anos, do Departamento de Clínica Odontológica da UFC, já está a todo vapor às 9h da manhã. É quando ele chega ao Centro de Educação Continuada, da Academia Cearense de Odontologia. Lá, o ex-docente atua como um dos diretores dos cursos de especialização oferecidos a dentistas. No período da tarde, Marques dedica o tempo aos assuntos familiares e ao lazer.

Aposentado da UFC desde 1995, Freire atua no CEC como fiscalizador da qualidade de ensino ali praticado. “Não adianta só oferecer o curso, ele tem de ser acompanhado para ter a certeza que é eficiente”, diz. Às vezes, ele dá aula apenas como convidado e participa de bancas examinadores de monografia.

O professor admite que se aposentou contrariado. Ele acredita que, naquela época, ainda tinha condições de colaborar com a UFC. A aposentadoria solicitada depois de mais de 30 anos de docência só aconteceu por receio das novas regras do sistema de previdência social. “Pela circunstância, eu e muitos outros fomos forçados a pedir a aposentadoria”, diz, para logo em seguida afirmar em tom de confissão: “Até hoje eu sinto saudade da Universidade.”

Nos 32 anos de UFC, Freire foi coordenador do curso de Odontologia, diretor do Centro de Ciências da Saúde, diretor de um programa de treinamento de recursos humanos para a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e coordenador de um projeto de extensão que levava atenção primária de saúde às zonas rurais do interior do estado. “Esse programa foi pioneiro na criação do agente de saúde. Depois compraram a idéia e difundiram no Brasil todo”, explica.

Ele também desenvolveu pesquisas sobre placas cancerígenas que se instalam na cavidade bucal, provenientes de agentes irritativos, como o tabagismo. Pesquisou ainda microorganismos responsáveis pela formação da cárie dental.

Quando se aposentou, o professor passou dois anos achando tudo uma “maravilha” porque não tinha horários a cumprir, só conversava com os amigos e caminhava nas horas de lazer. De repente, sentiu necessidade de continuar contribuindo de alguma forma, principalmente à classe odontológica. Foi quando surgiu o convite para atuar no CEC. O professor diz, porém, que jamais voltaria a ensinar na UFC, mesmo a lei permitindo naquela época. “Achei que seria desonestidade porque dificultaria o acesso de pessoas novas, com novas idéias. Minha parcela de magistério já estava dada”, explica.

Freire se enquadra no grupo de ex-professores ainda mantenedores da família. “Tenho um filho que estuda Relações Internacionais na Universidade de Brasília, por isso tenho de mantê-lo. Mas vivo basicamente dos meus proventos de aposentado, pois o trabalho no CEC é praticamente voluntário, não é remunerativo.”

Maria do Socorro Sherlock combina rotina de coordenadora de curso, três vezes por semana, com a prática de exercícios físicos e viagens com a família

“Continuo trabalhando para poder ter a sensação de ser útil à sociedade, mas não com finalidade de ganho, mais pela importância de continuar a viver. Quando saio de casa, saio satisfeito porque vou pro meu ambiente de trabalho”, conclui.

Aposentada e feliz

A professora aposentada Maria do Socorro Sherlock, de 55 anos, chegou à UFC quase por acaso. Formada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1975, iniciou a docência no ano seguinte ensinando na Universidade Regional do Nordeste, em Campina Grande. Em 1976, decidiu fazer curso de especialização em Enfermagem Pediátrica e Pediatria Social na Escola Paulista de Medicina, hoje Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde retomou a docência em 1977.

A vontade de retornar à região onde nasceu sempre a inquietava. Cinco anos depois, em 1982, conseguiu se transferir para o Departamento de Enfermagem da UFC, na única vaga disponível em





A coordenadora da pesquisa, Nellie de Paula: "Aposentadoria não significa parar de trabalhar; é um momento de escolha: onde ficar, qual tipo de trabalho. Ninguém quer por completo parar"

todo o Nordeste. Lá, passou a ministrar a disciplina de Enfermagem e Matéria Infantil. "Sempre trabalhei na área da criança e do adolescente. Tanto que esperei para fazer meu mestrado na área", explica. Nos 21 anos de UFC, até a aposentadoria em 2003, ela ainda participou de projeto de pesquisa que envolvia educação e saú-

de e de um projeto de extensão intitulado "Aids, Educação e Prevenção".

Hoje, Maria do Socorro é coordenadora do Curso de Especialização em Enfermagem Neonatal, oferecido pelo Curso de Enfermagem da UFC. A grade curricular e a implantação do curso, que é auto-sustentável, partiram dela, mas com colaboração de outras professoras do Departamento de Enfermagem. Como o curso só acontece às sextas-feiras e aos sábados, Maria do Socorro só vai à UFC em três ou quatro dias da semana. "Depois de aposentada, me senti dona do meu tempo. Estou fazendo na profissão o que me dá mais satisfação, ainda mais abrindo

essa terceira turma da especialização agora em março", diz a professora.

Ela ainda destina parte do seu salário de aposentada para o sustento da família. Uma das filhas é veterinária e faz cursos de especialização. Já o outro filho cursa Informática numa universidade particular.

Maria do Socorro afirma não sentir nenhum arrependimento desde que se aposentou. A principal mudança sentida depois da aposentadoria se refere a uma melhor administração do seu tempo. Ela passou a se organizar melhor para fazer alongamento e ioga, dar atenção aos filhos, ler o que gosta e viajar com a família. "Além de aposentada e feliz, estou ativa, criativa e saudável."

Entre a política e a fazenda

A reportagem de UP foi pega de surpresa enquanto conversava com o ex-docente Carlos Adalberto Celedônio, de 60 anos, do Departamento de Farmácia da UFC. Durante a entrevista, a notícia do nascimento de mais uma neta, Júlia, reverberou pelos quatro cantos da casa. Emoções fortes sempre caminharam ao lado de Celedônio. Foi entre as paredes da universidade que ele recebeu uma das filhas como aluna, recém-ingressa do Curso de Farmácia.

Hoje, são três semanas em Limoeiro do Norte e uma em Fortaleza. Assim é dividido o mês do ex-professor, aposentado desde 2003. No município onde nasceu, Celedônio mantém uma propriedade rural. É entre 30 colméias e projetos de caprinocultura e ovinocultura que encontrou a melhor maneira de aproveitar a nova vida. "Hoje fico mais dentro do mato, ouvindo o canto do sabiá", diz.

O ex-docente ensinou durante dez anos na UFC. A docência entrou na vida de Celedônio em 1974, um ano depois de concluir o curso de Agronomia na UFC, quando foi contratado pelo Ministério da Educação para ensinar na Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde, em Goiás. Em 1977, seguiu para o sul do País, onde

O universo pesquisado

A amostra para a pesquisa foi retirada de 750 aposentados, pois 30 residiam em outros municípios e quatro estavam com o cadastro incompleto na ADUFC. Desse total, houve tentativa de contato com 546 professores, mas apenas 326 foram localizados. A partir desse número, foram definidas amostras percentuais para cada uma das nove unidades acadêmicas da UFC. Ao final, 198 aposentados foram entrevistados, 26,4% do total de docentes associados.

A coleta de dados foi realizada entre 18 e 29 de setembro de 2006. Os ex-professores responderam a um questionário com 86 questões; duas delas de natureza subjetiva. As 84 questões restantes foram divididas em cinco categorias: caracterização sócio-demográfica (14), perfil financeiro (13), saúde e qualidade de vida (14), associativismo (19) e lazer (24), com a subcategoria viagens. Onze estudantes ou profissionais recém-formados do curso de Psicologia da UFC, selecionados pelo Núcleo de Psicologia do Trabalho (NUTRA), fizeram as entrevistas.

defendeu dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Em 1991, chegou finalmente à UFC. A princípio, trabalhou na Pró-Reitoria de Extensão, no projeto de farmácia-escola, envolvido entre plantas medicinais. Foi a partir daí que se transferiu para o Departamento de Farmácia. “Considero a Universidade um santuário. É evidente que ela tem mazelas, mas no aspecto democrático é melhor do que qualquer outro ambiente. Nunca tive nenhum dissabor”, afirma.

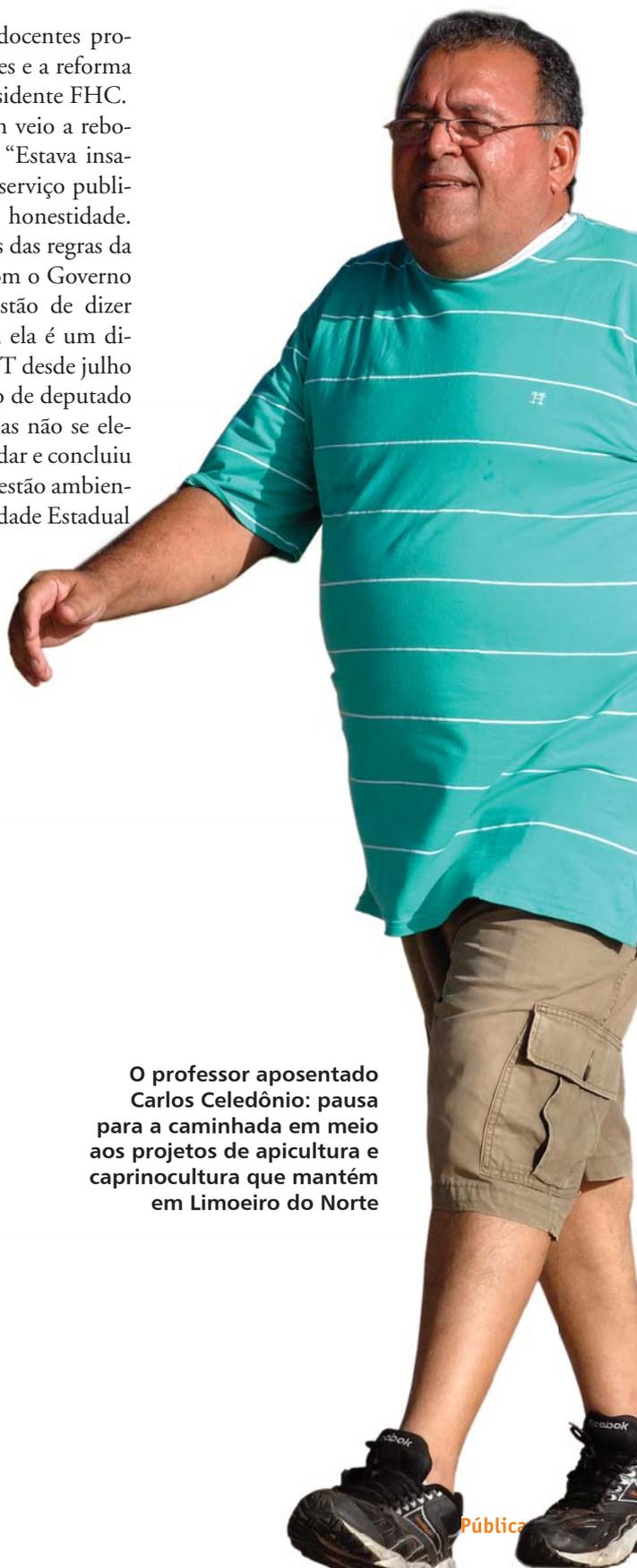
As posições políticas de Celedônio sempre foram firmes. Uma das lembranças mais marcantes de sua vida universitária foram os 11 dias de greve de fome, em que só bebeu água, com mais 19 professores, em Brasília. Era julho de 1998, e

o movimento nacional de docentes protestava contra as privatizações e a reforma administrativa do então presidente FHC.

A aposentadoria também veio a reboque de discussões políticas. “Estava insatisfeito pelo descaso com o serviço público. Sempre trabalhei com honestidade. Não foi medo das mudanças das regras da Previdência, foi decepção com o Governo Lula”, esclarece. “Faço questão de dizer que sou aposentado. Afinal, ela é um direito”, afirma. Filiado ao PDT desde julho de 2005, concorreu ao cargo de deputado estadual no ano passado, mas não se elegeu. Em 2005, voltou a estudar e concluiu curso de especialização em gestão ambiental e ecoturismo na Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Dados da pesquisa

- 66,7% dos docentes pesquisados ainda trabalham.
- 50% em atividades remuneradas, e 16,7% como voluntários.
- 27,3% dos pesquisados disseram que trabalham por prazer, 21,1% porque precisam complementar a renda familiar e 20,3% para não ficarem ociosos.
- 56,1% dos docentes aposentados da ADUFC são homens.
- 72,7% são casados ou vivem uniões consensuais.
- 6,6% dos docentes pesquisados moram sozinhos.
- A moradia de 93,4% dos entrevistados é própria.
- 71,7% possuem mestrado, 16,7% concluíram o doutorado, e 8,1% chegaram a cursar o pós-doutorado. O restante, 3,5% dos professores, se aposentou como livre docente.
- No momento da aposentadoria, 66,2% dos docentes estavam enquadrados como Professor Adjunto.



O professor aposentado Carlos Celedônio: pausa para a caminhada em meio aos projetos de apicultura e caprinocultura que mantém em Limoeiro do Norte

Aos amante

Encontros Literários reúnem, há 23 anos, estudantes de Letras e adoradores d Literatura para discutir autores e estilos na UFC



“Foi aprovado o projeto ‘Encontros Literários’, de caráter permanente, cuja primeira série será realizada neste semestre, de 3 de outubro a 5 de dezembro, às quartas-feiras, de 17 às 18:30 horas, no Auditório José Albano. O coordenador será o Prof. Moreira Campos”. O trecho é da Ata da Reunião do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humani-

dades da Universidade Federal do Ceará, realizada em 5 de setembro de 1984. Desde então, os Encontros Literários se repetem semanalmente a cada semestre letivo. “É igual a bicicleta. Não pode parar, senão cai”, graceja o atual coordenador, professor do Departamento de Literatura, Roberto Pontes.

São quase 23 anos de reuniões amplas

movidas à Literatura com o intuito de promover o conhecimento literário, divulgar estudos na área e estimular a formação de novos pesquisadores. Do formato original, pouco se perdeu – os Encontros continuam sendo realizados no mesmo dia, no mesmo local e quase no mesmo horário. Em conteúdo, eles só têm ganhado. Concebidos para promover conferências sobre

s das letras

Literatura, inicialmente eram reuniões livres, sem predeterminações. Com o passar dos anos, configuraram-se como espaço para apresentação de pesquisas, aprofundando e qualificando as discussões. Mais recentemente, vêm se consolidando como encontros temáticos, oportunidades para o bom debate sobre Literatura Cearense, Literatura Brasileira, Literatura Universal, Literatura e Sociedade...

Entre o que se preservou e o que se agregou de novo, uma mistura dos dois. Ao nome de origem se juntou uma reverência ao primeiro coordenador. Desde 1994, com a morte de José Maria Moreira Campos, o cearense de Senador Pompeu considerado um dos maiores contistas brasileiros, as reuniões dos amantes das Letras ganharam um apêndice em sua denominação, justamente para homenageá-lo, e passaram a se chamar Encontros Literários Moreira Campos.

Conto, crônica, prosa, poesia. Às letras outras artes. Música, cinema, dança. Entre as inovações recentes, a inclusão de linguagens afins, como a projeção de filmes relacionados à Literatura intercalando as conferências. Na abertura ou no encerramento, uma apresentação de caráter artístico, feita por grupos como Verso de Boca, Samba e Poesia e Sintagma.

Literatura, arte, pesquisa, ciência. A oportunidade é também um despertar para o pensamento científico, seja sobre o que está em discussão, seja sobre a própria experiência dos Encontros. A influência dos Encontros na formação dos estudantes de Letras foi tema de um dos trabalhos apresentados em encontros de iniciação científica da UFC. “Através do projeto, adquirem mais maturidade no desempenho de suas atividades acadêmicas, ampliam seus conhecimentos e sentem-se estimulados a produzir pesquisas sobre os temas e autores apresentados

nas conferências. Apenas as discussões da sala de aula não são suficientes para que o aluno se sinta preparado, ele tem anseio de conhecer mais, por isso participa dos Encontros”, constatou Valéria Cristina Bezerra, na pesquisa realizada com 86 participantes em 2005, quando estava se graduando em Letras. “Muitos entram no curso sem ter consciência do que vão fazer e, nos Encontros, eles se direcionam na área de estudo. Há casos de professores participantes que começaram a fazer conferência ainda como estudantes”, observa Roberto Pontes.

Mestranda em Letras, despontando na nova geração cearense de contistas, com o primeiro livro recentemente publicado, Carmélia Aragão reconhece a contribuição dos Encontros Literários. “Os Encontros foram bastante enriquecedores para mim, porque tomei contato com outros trabalhos de Literatura e outros temas que a nossa grade curricular não comportava ou não dava ênfase. Hoje, como aluna do mestrado, assim como tantos outros colegas que já defenderam suas dissertações, vemos nos Encontros Literários a oportunidade de divulgar nossas pesquisas. De início, havia uma expectativa de apreensão do conhecimento, agora é de divulgação daquilo que nós produzimos no Departamento de Literatura”, avalia.

A cada edição dos Encontros Literários, são realizadas de 15 a 20 conferências. Embora sem vinculação com a grade curricular, é um projeto de extensão que conta como atividade complementar. Os participantes recebem certificados, expedidos no último dia dos Encontros para quem obtém frequência mínima de 75%. Embora voltados fundamentalmente para os alunos do curso de Letras, que representam mais de 90% dos participantes, os Encontros são abertos à comunidade em geral, atingindo um público muito diver-



O coordenador dos Encontros Literários, professor Roberto Pontes: projeto chegou com fôlego aos 23 anos

sificado. “Se tivéssemos 300 lugares, encheríamos o local. Já tivemos 380 inscrições, no primeiro semestre de 2005, mas o número de poltronas é pouco mais de 100”, compara Roberto Pontes.

Os Encontros Literários recebem conferencistas de cursos e universidades diversos, entre eles escritores e professores reconhecidos até internacionalmente, a exemplo de Jean-Michel Massa, da Universidade de Rennes (França), Ingrid Schwamborn e Helmut Feldman, da Universidade de Colônia (Alemanha), e Maria Aparecida Ribeiro e Arnaldo Saraiva, da Universidade de Coimbra (Portugal). ☺

SERVIÇO

Encontros Literários

Dia: quartas-feiras

Horário: 18 às 20 horas

Local: Auditório José Albano – Área I

– Centro de Humanidades

Os interessados devem procurar o

Departamento de Literatura no início do semestre letivo. As inscrições são abertas ao público em geral. O semestre letivo de 2007 começa no dia 5 de março.

Um olho na terra, outro no céu

Projeto de pesquisa desenvolvido no Departamento de Fitotecnia utiliza a astronomia agrícola como base para o cultivo orgânico



Quem passa e vê tanto verde nem imagina que a sementeira, o cultivo, a poda, a colheita são feitos sob os ritos dos astros. Quem adentra também não vai encontrar vestígio, a menos que esbarre, por acaso, com um calendário astronômico-agrícola ou algum livro afim, o que também não será fácil. Para tomar conhecimento mesmo, só conversando com o Batista. Explica-se. No Setor de Horticultura do Departamento de Fitotecnia da Universidade Federal do Ceará, no Campus do Pici, as espécies são cultivadas com base na Astronomia Agrícola, uma área de estudo sobre a qual o pesquisador cearense João Batista Santiago Freitas se debruça há 20 anos.

Da adolescência vem o interesse pela Astronomia, paixão dividida com a Agronomia. “Eu observo o céu há 40 anos,

estudo Astronomia Agrícola há 20 e tenho quatro anos de prática”, apresenta-se. Agrônomo com mestrado em Fitotecnia e doutorado em Bioquímica Vegetal, Batista passa despercebido entre pés de sirigüela e de caju e bancos rústicos de troncos de árvores. Não veste o “uniforme” de pesquisador. A calça jeans rasgada e a camiseta desbotada revelam a simplicidade de um homem do mato. “Só vivo aqui”, diz. O contato direto com a natureza, de segunda a sexta-feira, das 8 às 17 horas, e às vezes ainda aos sábados, talvez explique porque ninguém lhe dá os 57 anos que tem.

No Setor de Horticultura, ele desenvolve como técnico da UFC o projeto Astronomia Agrícola aplicada à Agricultura Orgânica. “A Agronomia não pode ser desmembrada da Astronomia porque,

Uvas, morangos, abacates, rabanetes são alguns dos cultivos desenvolvidos através da astronomia agrícola no Setor de Horticultura do Departamento de Fitotecnia, no Campus do Pici, em Fortaleza

senão, quebra essa corrente”, defende. O entendimento é de que os astros, por meio dos movimentos da Lua, do Sol, das constelações e da própria Terra, influenciam as plantas. Batista explica que a Lua, principalmente, ao se aproximar ou se afastar do nosso planeta, durante o movimento de translação, que dura 27 dias, 7 horas e 43 minutos, interfere decisiva e diferentemente no que acontece por aqui. “A Lua é que comanda tudo”, resume.

Ele faz eco ao que uma agricultora alemã chamada Maria Thun deu início há mais de meio século, com as pesquisas sobre as relações da influência dos astros sobre a agricultura, a apicultura, a panificação e a previsão do tempo. “Um dia ela teve a idéia de semear rabanetes todos os dias, e observou que quando os colhia eles não estavam iguais, apesar de se originarem das mesmas sementes e serem submetidos ao mesmo manejo do solo. Alguns tinham folhas mais desenvolvidas, outros floresciam rápido e alguns tinham belas raízes. A partir daí, durante alguns anos, repetiu estes plantios seqüenciais com outras plantas até descobrir a influência do ciclo sideral”, descreve Pedro Jovchelevich, da Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica, fundada em 1982. A Agricultura Biodinâmica difunde a produção de alimentos com respeito aos reinos da

natureza e aos seres que nela habitam.

A associação traduz e edita há quase 20 anos o calendário de Maria Thun, que sistematiza o uso dos ritos astronômicos para fins agrícolas. “Na literatura ainda existem poucas pesquisas científicas nesta área, concentradas principalmente na Alemanha”, acrescenta Pedro Jovchelevich, na apresentação do calendário astronômico-agrícola, que se baseia na movimentação da Lua ao redor da Terra no seu ciclo de 27 dias e por sua passagem pelas 12 regiões do Zodíaco. “Durante o processo, este corpo celeste transmite forças cósmicas à Terra e aos diferentes seres que a habitam. Em cada um destes dias as plantas recebem estímulos cósmicos que atuam sobre o desenvolvimento de seus diferentes órgãos constituintes (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e que manifestam efeitos benéficos sobre eles”, aponta o calendário.

O calendário não se baseia nas fases da Lua – Crescente, Cheia, Minguante e Nova –, mas nos períodos de Lua Ascendente e Lua Descendente, quando o satélite natural da Terra corta seis constelações a cada 15 dias, completando o ciclo em um mês. “Durante a ascensão da Lua, aumenta a formação de suco nas plantas. A planta está plena de sucos e forças nas suas partes superiores”, exemplifica o calendário. “Já no período de descida da Lua em relação à Terra, o conteúdo dos sucos nas plantas diminui, aconselhável para poda de árvores e cercas vivas, corte de madeira e adubação” – acrescenta.

Segundo o agrônomo João Batista Santiago Freitas, quando a Lua está em movimento ascendente, é propícia, por exemplo, à semeadura. “Como a Lua começa a se elevar, a força gravitacional diminui, e a semente germina com mais rapidez. À medida que a Lua se afasta da Terra, há uma pressão favorável”. Além da semeadura, a Lua Ascendente favorece a enxertia, que consiste na união dos tecidos de duas plantas, geralmente da mesma espécie, passando a formar uma planta com duas partes. Durante a Lua Ascendente, as plantas se apresentam mais ricas em açúcares e água, facilitando a “colagem” do tecido de uma no tecido de outra. A adesão ou pagamento entre tecidos

é ainda maior se o movimento de ascensão lunar coincidir com a fase Crescente, quando a ascensão e a proliferação de seiva se acentuam. O calendário não se baseia nas fases da Lua, mas também não as desconsidera.

Quando a Lua está em movimento descendente – ou de aproximação com a Terra – é o melhor período para a propagação por estaca ou estaquia, processo de reprodução de vegetais, a exemplo da produção de mudas a partir de pedaços de galhos. Esse método é desaconselhável, no entanto, se a fase for de Lua Cheia. “A estaquia é quase zero na Lua Cheia porque a planta está rica em açúcares e água, e com a exudação (liberação de seiva), atrai pragas”. Segundo Batista, a fase de Lua Cheia só é muito boa para a coleta de frutos. “Normalmente, quando é Lua Cheia, ela está muito perto da Terra. Em função da proximidade, há uma pressão maior sobre a Terra, captada também pelas plantas, fazendo com que haja mudanças no metabolismo delas, uma forma de desequilíbrio”, explica.

Com um olho na terra e outro no céu, todos esses conhecimentos estão sendo usados no Setor de Horticultura do Departamento de Fitotecnia para o cultivo orgânico das plantas – sem pesticidas, sem inseticidas, sem hormônios artificiais.

“O que dá praga e doença em planta é o estresse. A principal vantagem do cultivo orgânico em relação ao modelo convencional é que não existe estresse ou o estresse é mínimo, porque há um sistema de referência – a Astronomia – que se repete, é fixo. O que muda são as fases da Lua, os movimentos da Lua são únicos”.

Sem estresse, pragas e doenças, a produtividade aumenta, a qualidade do produto colhido é maior e o custo menor. “Não temos insumos, usamos o próprio adubo, que é o esterco e folhas decompostas. O que o pessoal diz que é lixo, para nós é matéria-prima. Tudo o que a gente utiliza quem faz é a natureza, e não tem quem faça melhor”, ensina.

As mudas e plantas cultivadas no Setor de Horticultura são usadas para atividades dos estudantes, inclusive aulas práticas, para pesquisas ou ornamentação do próprio campus universitário e também para a comercialização ao público em geral. Quem quiser ver, ouvir e até contestar as idéias da Astronomia Agrícola, o próprio Batista faz o convite: “Para aqueles que dizem ‘ah, isso não funciona’, eu digo ‘então, venha pra cá’. Dentro de pouco tempo, esse sistema vai sair dos muros da universidade e ganhar o mundo”. E dá inclusive o telefone: (85)3366.9661. É só chamar por ele. ☎



O pesquisador João Batista Freitas: aberto visitas e ao debate

Dilema resolvido

Nomeação pro-tempore de reitor garante processo eleitoral normal na UFC

Luís Carlos Uchôa Saunders é hoje reitor pro-tempore da Universidade Federal do Ceará. O recurso, previsto em Lei Federal, precisou ser acionado devido à dupla renúncia de René Barreira, ex-reitor que assumiu, em janeiro, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará, e do vice-reitor Ícaro de Sousa Moreira, que preferiu não ocupar o cargo por já ter apresentado sua candidatura para a próxima consulta universitária ao cargo de reitor.

Saunders assumiu a Reitoria em caráter provisório porque, segundo o Estatuto da UFC, em caso de impedimento do reitor e seu vice, deve ser nomeado como administrador máximo da universidade o pró-reitor mais antigo no quadro de magistério da instituição. Saunders era pró-reitor de Administração e já somava 39 anos de UFC.

Porém, a consulta a professores, estudantes e servidores técnico-administrativos para a Reitoria por pouco não aconteceu durante o recesso escolar. O impasse foi criado porque ao assumir um reitor interino, a universidade têm até 60 dias após a sua posse para escolher o sucessor. Obrigada por lei, o Conselho Universitário definiu o dia 5 de março como a data para a consulta, mesmo dia do retorno às aulas.

Para garantir ampla oportunidade de participação durante o processo sucessório, o novo reitor consultou a Associação dos Docentes da UFC (Adufc), o Sindicato dos Trabalhadores da UFC (Sintufce) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) sobre a antecipação do recomeço das aulas. A idéia, porém, não encontrou respaldo.

A incômoda situação só foi resolvida após a divulgação da nomeação de Saunders como reitor pro-tempore, no dia 23 de janeiro, pelo Secretário de Educação Superior do MEC, Manuel Fernando Palácios, depois do novo reitor ter ido a capital federal pedir a prorrogação da consulta. Assim, o prazo de 60 dias para envio a Brasília da lista tríplice dos postulantes à Reitoria será contado a partir da data de posse de Saunders como reitor pro-tempore.

A Comissão Eleitoral Central antes definida pelo Consuni permanecerá a mesma, segundo o chefe de gabinete da Reitoria, Francisco Souto Paulino. Ela terá na chefia o professor Alexandre Rodrigues, da Faculda-

de de Direito. Cada um dos três campi terá sua Comissão Setorial. No Pici, o professor José Wilson Calfope, da Engenharia de Pesca, será o responsável. O professor Haroldo Beltrão, da Odontologia, ficará à frente no Porangabuçu. Já no Benfica o responsável será o professor Eduardo Ellery, da Administração.

A posse de Luis Carlos Saunders como reitor pro-tempore aconteceria alguns dias após o fechamento desta edição de UP, o que inviabilizou a revista de divulgar o novo calendário da consulta universitária. O ex-vice-reitor Ícaro de Sousa Moreira ainda permanecia como único a ter candidatura lançada.

Sucessão na mídia

No dia 17 de janeiro, o site da UFC divulgou que o reitor interino Luis Carlos Saunders viajaria no mesmo dia a Brasília para tentar adiar o prazo da consulta de seu sucessor. No mesmo dia, *O POVO*, em matéria da editoria Fortaleza, noticiou a eleição sem esquecer de divulgar a intenção de Saunders em antecipar o início das aulas para dar condições de amplo debate ao processo sucessório.

Porém, mesmo depois de já noticiado o esforço da Reitoria em antecipar o retorno às aulas e a viagem de Saunders para dilatar o prazo para a consulta, no dia 18 de janeiro a coluna *Política*, também de *O POVO*, redigida pelo jornalista Fábio Campos, tentou polemizar quanto à legalidade de Saunders assumir como reitor interino. O texto da coluna dizia que a consulta durante o recesso escolar teria “a cara de esquema que aposta na desmobilização da comunidade universitária com o objetivo de garantir a vitória do concorrente que controla a máquina.”

Isso seria verdade se já não fosse do conhecimento de todos a intenção do novo reitor em resolver o impasse criado por força da lei. O curioso é que na mesma edição de *O POVO*, outra matéria da editoria *Fortaleza* afirmava que Saunders viajara a Brasília no dia anterior para prorrogar a data da consulta, informando, assim, o fato mais atualizado.

No mesmo dia, a UFC divulgou nota em seu site e solicitou a *O POVO* que ela saísse no mesmo espaço em que a universidade foi

citada: a coluna *Política*. Não foi o que aconteceu. No dia seguinte, a nota foi publicada em discreto espaço do jornal e ainda foi utilizada de forma deturpada por Fábio Campos em sua coluna do dia 19 de janeiro. Em nenhuma parte da coluna, o jornalista cita a ida de Saunders a Brasília.

Para o leitor que apenas lê a coluna, lhe foi negado o direito de conhecer o outro lado dos fatos no mesmo espaço. A UFC não pôde divulgar na íntegra a sua defesa. O direito de resposta, uma das premissas básicas da liberdade de imprensa, não foi acionado de forma plena, segundo a presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce), Déborah Lima.

“A UFC não é a primeira vítima desse tipo de jornalismo. É uma atitude que deve ser repudiada por toda a sociedade, principalmente pelos leitores, que são os consumidores. Porque o leitor está sendo enganado. A maior vítima, depois da instituição, é a própria sociedade porque está tendo o seu direito à informação cerceado”, afirma.

Para Déborah, o jornalista Fábio Campos infringiu, entre outros, o inciso “c” do artigo 10º do Código de Ética do Jornalista, pois frustrou a manifestação de opiniões divergentes ou impediu o livre debate, e o artigo 15º do mesmo código, pois deixou de permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria.

Em 26 de janeiro, a editoria *Fortaleza* voltou a falar sobre o assunto. Uma nota breve anunciou que Saunders seria nomeado reitor pro-tempore pelo MEC no mesmo mês, mas somente dois dias após a universidade divulgar em seu site o mesmo fato, pondo fim ao impasse da consulta universitária durante as férias e confirmando que não era interesse da UFC o debate limitado de seu processo sucessório. A coluna *Política*, mesmo depois de negar a íntegra do direito de resposta da universidade em seu espaço, não noticiou nos dias seguintes a nomeação de Saunders como reitor pro-tempore.

O editor-chefe de *O POVO*, Erick Guimarães, foi contatado por UP e se dispôs a responder perguntas sobre o assunto, mas até o fechamento desta edição não havia estabelecido retorno. ☹



Promovendo Educação para o Exercício da Cidadania.

O Centro de Treinamento e Desenvolvimento - CETREDE, capacita lideranças comunitárias através de programas de desenvolvimento local, administra projetos de pesquisa junto a instituições públicas e privadas, desenvolve sistemas de apoio técnico para o desenvolvimento do país; executa serviços técnicos de recrutamento, seleção e treinamento de pessoal; especializa, aperfeiçoa e atualiza jovens e adultos trabalhadores, preparando-os para o mercado de trabalho.

CETREDE atua há 43 anos em sintonia com as atividades da Universidade Federal do Ceará, promovendo e desenvolvendo a educação para o exercício da cidadania.

**Com os Fundos de Investimento Banco do Nordeste
Setor Público, todo mundo sai ganhando,
principalmente a sua administração.**

Motax



Os Fundos de Investimento para o setor público do Banco do Nordeste são excelentes alternativas para gestores como você, que deseja aplicar os recursos do seu estado ou município com toda rentabilidade que o BNB oferece. Você pode optar pelo Fundo de Investimento Curto Prazo Setor Público ou Renda Fixa Setor Público Previdência, que contam com a vantagem de aplicação e resgate automáticos. Por isso, na hora de fazer as suas aplicações, procure o BNB. Garanta o sucesso de sua administração e o desenvolvimento da região.

**Banco do
Nordeste**



Procure nossas agências • Envie e-mail para fundos@bnb.gov.br • Ligue para o telefone (85) 3299 3544.